

Revista Ave Maria

Ano 128 | Abril 2026

B Ê N Ç Ã O URBI ET ORBI:

a fé que atravessa distâncias e
ajuda a viver plenamente a Páscoa



REPORTAGEM

Entre a fé e a tradição: costumes populares revelam a riqueza da Semana Santa no Brasil

JUVENTUDE

Apostas e jogos de sorte são pecado?

ESPIRITUALIDADE

Vamos falar sobre o futuro

Claretiano

A faculdade que é **mais+** por você.

+ de 110
polos pelo Brasil



Encontre o polo
mais perto de você

Mais de 30 cursos
de **Graduação.**

Confira, também, os cursos de
2º Graduação e Pós-graduação.



VESTIBULAR • INSCREVA-SE

claretiano.edu.br

0800 34 41 77 • (16) 3660 1777  Atendimento via WhatsApp


Claretiano
CENTRO UNIVERSITÁRIO



“SOU EU, SENHOR?” (MT 26,22)

Abril é o mês em que a liturgia nos conduz ao centro da fé: a entrega de Cristo e a vida nova da ressurreição. Entramos na Semana Santa sentados à mesa com Jesus e os doze. O anúncio da traição não é apenas lembrança histórica, é espelho: “Sou eu, Senhor?” (Mt 26,22). Judas cedeu ao dinheiro e à ocasião “favorável”, mas o Evangelho também mostra um detalhe consolador: Jesus não fecha a porta, chama-o de “amigo” e espera o arrependimento. Quando a amizade com Deus é ferida pelos nossos pecados, Ele não se afasta; acompanha e aguarda a volta.

Na Quinta-feira Santa, o Senhor une o dom maior ao gesto mais humilde. Na mesma noite em que nos deixa a Eucaristia, ajoelha-se e lava os pés. Como se dissesse que quem recebe o pão do Céu precisa aprender o caminho do chão. “Dei-vos o exemplo” não é conselho opcional, é a medida da vida cristã. A comunhão verdadeira pede coração simples, disposto a servir sem alarde, sem superioridade, sem dureza.

Na Sexta-feira Santa, contemplamos o Crucificado ao lado de Maria. Ele carrega a cruz e cumpre as Escrituras por amor. “Tenho sede” (Jo 19,28) e

“Tudo está consumado” (Jo 19,30) revelam um amor levado até o fim. Não é a dor pela dor, mas a fidelidade que salva. E a mãe, silenciosa, ensina-nos a permanecer, a não fugir na hora decisiva, a aprender a dar a vida no serviço dos irmãos.

A Vigília Pascal rompe a noite com um anúncio que muda tudo: “Não está aqui: ressuscitou” (Lc 24,6). As mulheres, movidas pela fé que se traduz em amor, recebem a missão de levar coragem aos discípulos fechados pelo medo. A Páscoa, então, prolonga-se: Tomé passa da dúvida à confissão – “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,28); Emaús recorda que Cristo caminha conosco mesmo quando não o reconhecemos; e a Igreja primitiva persevera “na doutrina, na fração do pão e nas orações”. Eis o ponto: a alegria pascal precisa virar perseverança.

Este novo mês nos chama a recomeçar: renunciar ao mal com seriedade, amar a verdade, buscar “as coisas do alto” e testemunhar o Ressuscitado com gestos concretos. Se Cristo vive, a fé não pode ser apenas palavras. Que este novo mês nos encontre menos distraídos e mais fiéis: na oração, na Eucaristia, na comunidade e, sobretudo, no amor que se faz serviço. ●



Ave Maria

126 anos

Notas Marianas

SINAL DA CRUZ

Fazemos o sinal da cruz para lembrar que fomos salvos pela cruz de Cristo (cf. 1Jo 3,5; 4,10) e batizados em nome do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19). É uma prática muito antiga da Igreja, pois já no século II Tertuliano recomendava: “Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando vamos nos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, persignamo-nos a testa com o sinal da cruz” (160-220 d.C.).

SUMÁRIO



MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

5 MARIA NA RESSURREIÇÃO DE JESUS

6 ESPAÇO DO LEITOR

REFLEXÃO BÍBLICA

8 O DISCURSO MISSIONÁRIO EM MATEUS 10: CONFIANÇA EM DEUS E CORAGEM NA MISSÃO

10 ACONTECE NA IGREJA

SANTO DO MÊS

12 SANTO ISIDORO DE SEVILHA

MÚSICA SACRA

14 O SOPRO QUE NOS FAZ UM

MISERICÓRDIA

16 "O SENHOR É RICO EM MISERICÓRDIA E COMPAIXÃO" (Tg 5,11)

SANTIDADE

18 QUAL O SENTIDO DOS SANTOS DA IGREJA?

MARIOLOGIA

20 IN CORDE MARIAE: UM CAMINHO DE RETORNO AO CORAÇÃO DE MARIA

RELÍQUIAS CATÓLICAS

22 A RELÍQUIA DO TÍTULO DA CRUZ

LANÇAMENTO

26 OVELHAS NEUROATÍPICAS - CATEQUESE PARA TODOS, TODOS, TODOS!

REPORTAGEM

28 ENTRE A FÉ E A TRADIÇÃO: COSTUMES POPULARES REVELAM A RIQUEZA DA SEMANA SANTA NO BRASIL

IGREJA DIGITAL

32 31 IDEIAS DE CONTEÚDO PARA VIVER BEM O MÊS MARIANO NAS REDES SOCIAIS

CRISTOLOGIA

34 A SEXTA-FEIRA SANTA: MISTÉRIO DA NOSSA REDEÇÃO

CRÔNICA

36 QUANDO O COTIDIANO SE TORNA LUÇAR DE RESSURREIÇÃO

SANTUÁRIOS BRASILEIROS

44 BASÍLICA SANTUÁRIO SENHOR BOM JESUS DO BONFIM

46 PALAVRA DO PAPA

TRÍDUO PASCAL

48 PREPARE-SE PARA BEM VIVER O TRÍDUO PASCAL

DESCOMPLICANDO A FÉ CATÓLICA

50 "BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR!" (Mt 21,9)

ESPIRITUALIDADE

52 VAMOS FALAR SOBRE O FUTURO

JEJUM

54 APRENDA A FAZER JEJUM

JUVENTUDE

56 APOSTAS E JOGOS DE SORTE SÃO PECADO?

SUADE

58 VOCÊ VIVE OU APENAS SE EXPÕE? OS MALEFÍCIOS DA SUPEREXPOSIÇÃO DA VIDA NAS MÍDIAS

RELAÇÕES FAMILIARES

60 A RESSURREIÇÃO COMO SINAL DE ESPERANÇA PARA AS FAMÍLIAS

VIVA MELHOR

62 PRESSÃO SOB CONTROLE: PEQUENAS ESCOLHAS, GRANDES RESULTADOS

EVANGELIZAÇÃO

64 "DISSE JESUS: 'EU VIM PARA QUE TODOS TENHAM VIDA.'" (Jo 10,10)

66 SABOR & ARTE NA MESA

Revista
Ave Maria

Direção Administrativa

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Lúis Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaias Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

Correspondências

Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP,
01226-000, revista@avemaria.com.br

Anúncios

Thiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br

Produção Editorial



Conselho Editorial

Álison Henrique Monte,
Isaias Silva Pinto, Pe. Lúis Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdeci Toledo.



Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

Edgar Beltrán / The Pillar / Wikipedia

f / revistaavemaria
@ revistaavemaria
revistaavemaria.com.br

MARIA NA RESSURREIÇÃO DE JESUS

◆ Pe. Brás Lorenzetti, cmf ◆

Os cinquenta dias do Tempo Pascal, do dia da ressurreição ao dia de Pentecostes, são considerados como um “grande domingo”, tamanha a sua festa; assim também os oito dias que se seguem à Páscoa são celebrados como se fossem um único dia. A Igreja vive esse tempo de alegria e exultação pela ressurreição do Senhor. O Tempo Pascal é essencialmente cristológico, mas, não deixa de ser mariano também pela participação de Maria no mistério pascal de Jesus.

Historicamente, depois de ter agonizado com e experimentado também a morte de Jesus na cruz, depois da expectativa na fé do Sábado Santo, Maria viveu a imensa alegria de saber e ver que Deus Pai confirmara a doação e oferta de toda a vida do seu Filho Jesus, realidade expressa na antífona “Salve, Santa Maria, que dolorosa ao pé da cruz, suportando as dores do teu Filho, agora exultas de gozo sereno!”. Contigo, ó Maria, também nos alegramos e exultamos pela ressurreição.

A liturgia pascal é toda ela um convite à alegria: “Alegra-te, mãe da luz, Jesus, sol de justiça, vencendo as trevas do sepulcro, ilumina o mundo todo!”.

A Igreja propõe um título: a Bem-aventurada Virgem Maria na Ressurreição do Senhor, uma celebração própria para o Tempo Pascal. A liturgia celebra a ressurreição marcada por intensa alegria.

Deus, nosso Pai, dignou-se a alegrar o mundo com a ressurreição de seu Filho, Jesus. A ressurreição é o dia em que a morte foi vencida. É dia de luz e de explosão de vida. Maria participa plenamente dessa alegria com a plenitude de um coração de mãe.

Mesmo em meio às intensas alegrias da ressurreição, ainda assim Maria precisou acreditar: foi crendo que ela concebeu o Filho e crendo esperou a ressurreição. É crendo que nós esperamos o dia do nosso encontro de vida plena e verdadeira.

Na fé e na esperança, Maria caminha à frente



Imagem: Jesus Cristo Ressuscitado com a Virgem Maria - Guercino (Barbieri, Giovanni Francesco) / pt.wahoart.com

de todos que seguem os passos de Jesus. O medo de que tudo termina com a morte foi superado na manhã da ressurreição: nova luz, nova esperança, imensa alegria e grande exultação brotam na manhã radiosa da Páscoa.

Foi a ressurreição que deu a Maria a força necessária para reunir os discípulos dispersos, congregá-los novamente, passar a eles confiança e continuar a missão deixada por Jesus; missão tão grande só uma mãe teria a energia suficiente para realizar. Maria é considerada modelo de esperança ativa em meio às mais adversas situações da vida. Olhando para ela, vamos caminhando com esperança em direção a um futuro melhor.

“Alegra-te, Virgem Mãe, porque Cristo ressurgiu do sepulcro, aleluia! Alegra-te, povo cristão, porque Maria nos precede e é modelo de fé e perseverança. Amém.”●

É PÁSCOA! COMO VIVER BEM ESSE TEMPO?

◆ Da Redação ◆

A Páscoa convida a parar e a olhar a própria vida com mais verdade. É tempo de recomeço, de rever atitudes e de deixar que a presença de Jesus transforme o cotidiano. Pequenos gestos já mostram esse caminho.

PERDOE DE VERDADE

Deixe o ressentimento para trás. A Páscoa passa pelo coração que decide recomeçar.

REAPROXIME-SE DE QUEM ESTÁ DISTANTE

Mande uma mensagem, faça uma ligação. Demonstre interesse real. Esteja presente.

OLHE PARA DENTRO

Pare um pouco. Reflita sobre a sua vida. Veja o que precisa mudar e dê um passo concreto.

BUSQUE RENOVAÇÃO

Reze mais, escute Deus, procure crescer na fé. A Páscoa é tempo de vida nova.

AME NA PRÁTICA

Ajude alguém, seja sinal de cuidado, aproxime pessoas. O amor não fica só nas palavras.

Viver a Páscoa é isso: recomeçar com Deus, com os outros e consigo.●



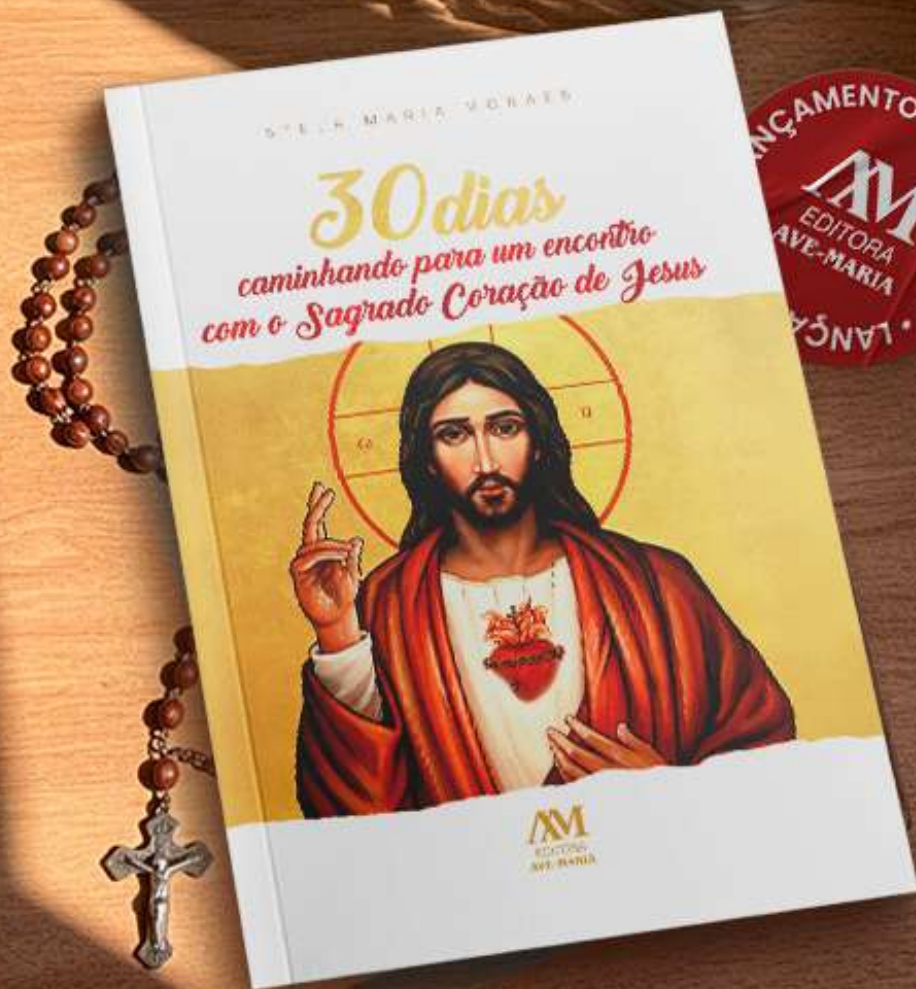
Imagem: Wirestock / Freepik



QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO

Envie uma mensagem pelo nosso site ou uma carta para

Rua Martim Francisco, 636, 2º andar, Santa Cecília, São Paulo, CEP 01226-002



Sempre há uma resposta no
Coração de Jesus

Acesse o site avemaria.com.br e
nossas redes sociais para saber mais!

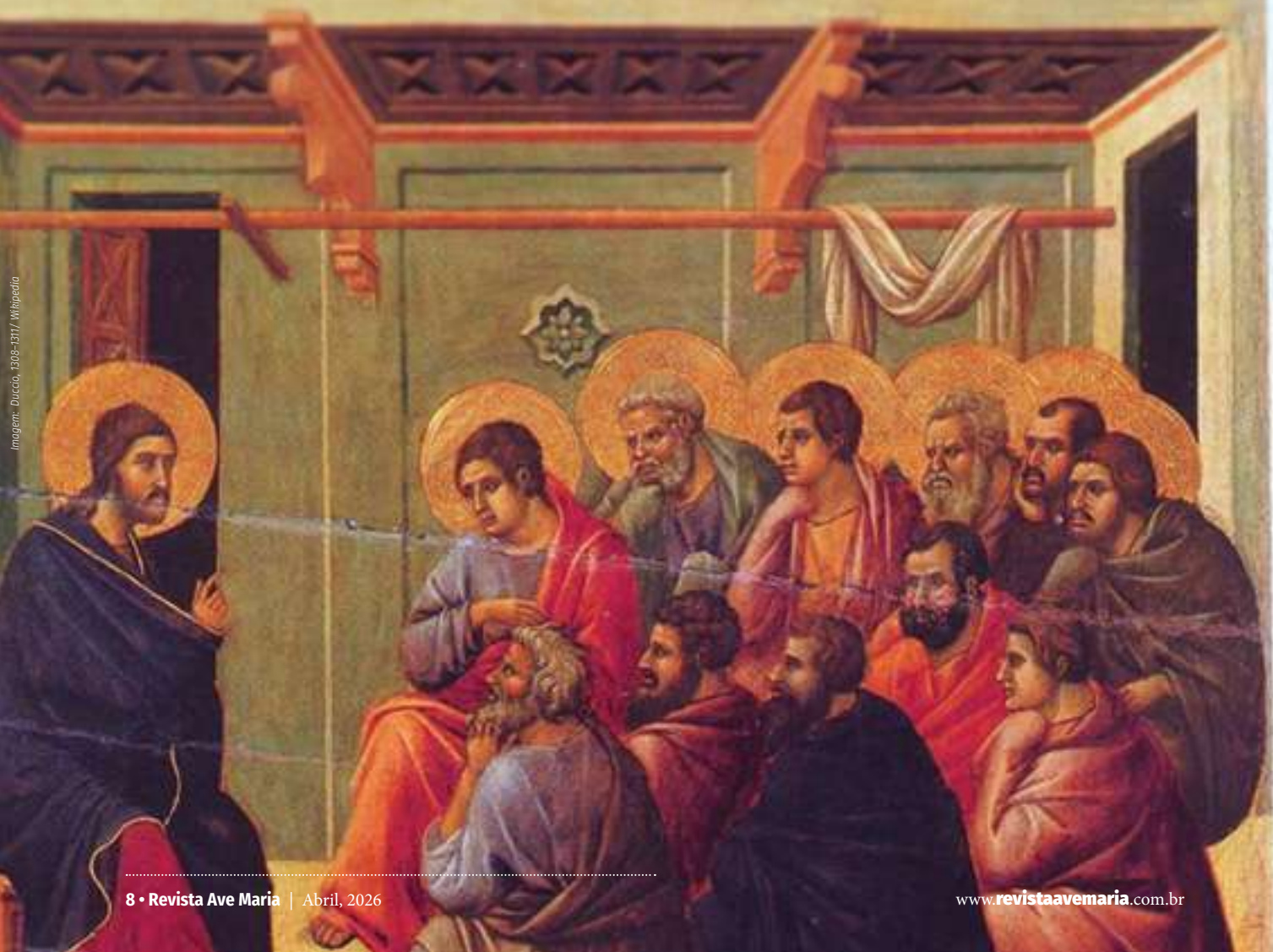


M
EDITORA
AVE-MARIA

O DISCURSO MISSIONÁRIO EM MATEUS 10:

CONFIANÇA EM DEUS E
CORAGEM NA MISSÃO

◆ Pe. Antonio Ferreira, cmf ◆



Um traço bem característico do Evangelho de Mateus é a maneira como ele organiza o seu relato. Depois de narrar a infância de Jesus, o autor passa a apresentar sua atuação em torno de cinco grandes discursos.

Há quem veja nisso mais do que uma simples forma de organizar o texto. Essa divisão pode lembrar, de modo simbólico, os cinco livros do Pentateuco. Nesse sentido, Mateus parece apresentar Jesus como um novo Moisés, alguém que revela plenamente a vontade de Deus e conduz o povo a compreender melhor a lei.

No Evangelho de Mateus, um dos cinco grandes discursos é o chamado Discurso Missionário, no capítulo 10. Ali, Jesus envia os doze e fala de modo bem direto sobre o que eles devem fazer: anunciar que o Reino de Deus está próximo. Ele também indica como essa missão deve ser vivida. Pede confiança em Deus, desprendimento em relação aos bens e coragem para enfrentar as dificuldades e perseguições que certamente viriam. Esse ensinamento não fica preso apenas àquele primeiro envio. Ele continua sendo uma referência para entender a missão cristã ao longo do tempo, dentro da vida da Igreja.

O discurso inicia-se com o chamado dos doze discípulos e a concessão de autoridade para expulsar espíritos impuros e curar enfermidades (cf. Mt 10,1). Essa autoridade revela que a missão dos apóstolos não é autônoma, mas participação na própria missão de Cristo. Os apóstolos foram escolhidos por Jesus para permanecer com Ele e para serem enviados a anunciar o Evangelho, tornando-se fundamento da

missão da Igreja (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2000). O núcleo da missão aparece de forma simples: anunciar que o Reino dos Céus está próximo (cf. Mt 10,7). Isso não fica só nas palavras: esse anúncio ganha forma em gestos concretos de libertação e misericórdia.

As curas, a purificação dos leprosos e a expulsão dos demônios mostram, na prática, a ação salvadora de Deus no meio do povo.

Outro aspecto fundamental do discurso é o convite à confiança plena na providência divina. Jesus orienta os discípulos a não levarem ouro, prata ou provisões para o caminho (cf. Mt 10,9-10). Essa recomendação destaca que a eficácia da missão não depende principalmente de recursos materiais, mas da fidelidade a Deus e da abertura daqueles que acolhem a mensagem do Evangelho. O desprendimento material torna-se, assim, um sinal da confiança no cuidado divino.

Ao mesmo tempo, Jesus prepara os discípulos para enfrentar dificuldades e perseguições. Ao afirmar que os envia como ovelhas no meio de lobos (cf. Mt 10,16), Cristo reconhece que o anúncio do Evangelho encontrará resistência, contudo, os missionários são chamados a permanecer firmes, confiando na assistência do Espírito Santo, que lhes concederá sabedoria e coragem diante das adversidades.

CONCLUSÃO

O Discurso Missionário apresentado no capítulo 10 do Evangelho de Mateus oferece orientações essenciais para compreender a natureza e a dinâmica da missão cristã. Ao enviar os doze, Jesus não apenas inaugura uma etapa impor-

tante de sua ação evangelizadora, mas também estabelece princípios que orientariam, ao longo da história, a missão da Igreja. O envio dos discípulos revela que a evangelização nasce da iniciativa de Cristo, que chama, forma e envia aqueles que escolhe para participar de sua obra de salvação.

Nesse contexto, o discurso aponta atitudes essenciais para quem assume a missão: confiar na providência de Deus, viver com desapego dos bens e ter coragem diante das dificuldades e perseguições que podem surgir ao anunciar o Evangelho.

Essas orientações deixam claro que a missão não se apoia apenas em esforços humanos, ela nasce da fidelidade ao chamado de Deus e é sustentada pela ação do Espírito Santo, que fortalece quem é enviado.

Ao longo dos séculos, a Igreja não deixou de assumir esse envio, procurando anunciar o Evangelho nas mais diversas realidades culturais e sociais, por isso o ensinamento de Jesus continua atual. Ele convida cada cristão a perceber que também faz parte dessa missão. Dentro da própria vocação e das circunstâncias em que vive, cada fiel é chamado a dar testemunho do Reino de Deus – seja pela palavra, pelo serviço ou pela caridade – e, assim, tornar presente no mundo a esperança e a salvação anunciadas por Cristo. ●

Referências

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta, 2007.

EM ASSIS, POVO PEREGRINA PARA VISITAR E VENERAR OS RESTOS MORTAIS E FRANCISCO DE ASSIS

Pela primeira vez, os restos mortais de São Francisco ficaram expostos publicamente até 22 de março na Basílica de Assis, na Itália, como parte das celebrações dos oitocentos anos de sua morte. O evento reuniu mais de 220 mil peregrinos, podendo chegar a 400 mil (números ainda a confirmar), com cerca de 10 mil visitantes por dia.

A exposição convidou à redescoberta da mensagem de São Francisco, marcada pela paz, fraternidade e cuidado com a criação, especialmente em um contexto mundial de conflitos. Sua vida continua a inspirar os cristãos a serem construtores de paz e a viverem a fé de forma concreta.

Segundo Frei Cesareo, o testemunho de Francisco mostra que pequenos gestos podem transformar o mundo. A experiência com as relíquias também provoca uma reflexão sobre a vida, a morte e a entrega confiante a Deus.

Mesmo sendo um evento único, seus frutos permanecem na vida daqueles que acolhem e colocam em prática o legado do santo.●

Fonte: com informações de Vatican News



Imagem: Vatican News / Vatican Media

CÂMARA APROVA REGIME DE URGÊNCIA DE PROJETO QUE INSTITUI O DIA NACIONAL DO NASCITURO

A Câmara dos Deputados aprovou o regime de urgência do Projeto de Lei 4281/23, que cria o Dia Nacional do Nascituro, a ser celebrado em 8 de outubro, e a Semana de Defesa e Promoção da Vida na semana anterior. Com urgência, o projeto pode ser votado diretamente no plenário e, se aprovado, seguirá para sanção ou veto presidencial.

De autoria do senador Eduardo Girão, o projeto prevê ações como campanhas educativas, palestras e iluminação de prédios públicos durante a semana

temática. A proposta reforça a valorização da vida em todas as suas fases.

A data escolhida se aproxima do Dia Mundial da Vida e coincide com iniciativas já promovidas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) desde 2005, como a Semana Nacional da Vida, que incentiva o debate sobre a dignidade da vida humana.●

Fonte: com informações de Gaudium Press

PAPA CONVOCA BISPOS PARA ENCONTRO SOBRE A FAMÍLIA EM OUTUBRO

O Papa Leão XIV convocou os presidentes das conferências episcopais para um encontro em outubro de 2026, com o objetivo de discernir caminhos para a transmissão do Evangelho às famílias, à luz da Exortação *Amoris Laetitia*, que completa dez anos.

O Papa destacou a importância da família como base da sociedade e “Igreja doméstica”, reforçando seu papel na educação e na vivência da fé. Recordou também os principais

ensinamentos do documento, como o amor vivido no cotidiano, a presença misericordiosa de Deus nas crises familiares e a necessidade de novos caminhos pastorais.

A iniciativa busca responder às mudanças culturais e fortalecer o acompanhamento das famílias, incentivando a vocação ao Matrimônio e o compromisso da Igreja com a pastoral familiar.●

Fonte: com informações de *Notícias Canção Nova*



Imagem: Vatican News / Vatican Media



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade: **um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!**

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005

✉ lrsds76@gmail.com



4 DE ABRIL



Imagem: Luis García / Adobe Stock

SANTO ISIDORO DE SEVILHA

BISPO E DOUTOR
(560-636)

“Aquele que deseja estar sempre com Deus deve orar e ler continuamente [a Sagrada Escritura]. Quando oramos estamos falando com o próprio Deus; quando lemos, ao contrário, é Deus quem fala conosco. (...) O bom leitor não se preocupa tanto com aquilo que lê, mas antes

em colocá-lo em prática”: estas são palavras atribuídas a Isidoro de Sevilha.

Isidoro nasceu em uma família afortunada, ainda que marcada pela dor. Seu pai, Severiano, prefeito de Cartagena, na Espanha, vivia feliz com sua mulher e os três filhos – Leandro, Fulgêncio e Florentina – quando soube que chegavam como um furacão os godos. Além dos danos materiais, por onde eles passavam traziam consigo a heresia ariana. Para um prefeito cristão como ele, a melhor coisa que tinha a fazer era emigrar para um lugar mais seguro. Mudou-se para Sevilha: estava menos rico, mas assegurava a educação cristã dos filhos.

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Lá, Isidoro nasceu aproximadamente em 560 e, ainda criança, ficou órfão. Para sua felicidade, a família era muito unida e o irmão Leandro logo assumiu o lugar do pai e Florentina, o da mãe. Ao menino não faltou nada: nem o afeto da família nem os professores para os estudos na escola episcopal ou monástica.

Em casa, já se respirava pela tradição um ar puro e erudito dos ambientes eclesiais e era tal a preparação humana e cristã de seus membros que, com o tempo, Fulgêncio se tornou bispo de Astigi (Ecija); Leandro, arcebispo de Sevilha; e Florentina, uma importantíssima monja em um mosteiro onde abadessa parecia ser antes a governanta de sua casa.

O ESTUDIOSO

Quanto a Isidoro, parecia que tinha nascido para os estudos, pois não chegava um livro em suas mãos que não fosse logo devorado como uma refeição saborosa. Qual seu método de estudo? Ouçamos o que ele escreverá mais tarde: “Aquele que lê procura em primeiro lugar compreender aquilo que lê. Em seguida tenta exprimir da maneira mais conveniente aquilo que aprendeu”.

Naqueles tempos, os estudos – mesmo quando eram sobre ciências profanas – eram todos direcionados para a

Teologia ou mais exatamente para as páginas sagradas, isto é, para compreender e colocar em prática as Sagradas Escrituras. Isidoro estudava com paixão nessa direção e tinha o dom de harmonizar dentro de si tudo quanto estudava e de transmiti-lo a todos numa linguagem bem acessível.

Pesquisador incansável de toda a sabedoria antiga, grega, romana e cristã, escreveu pelo menos dezessete obras e se tornou incontestavelmente um verdadeiro mestre em sua época. Sua obra mais famosa foi o *Libro delle etimologie*, dividido em vinte volumes pelo seu discípulo São Bráulio, bispo de Saragoça. É considerada a primeira verdadeira enciclopédia cristã, estudada em todas as melhores escolas teológicas medievais, tanto que fez Dante dizer que o mundo do saber estava todo “sob a ardente inspiração de Isidoro”.

Das outras obras citamos somente algumas: *Storia dei goti*; *Uffici divini*, em que explica a antiga liturgia espanhola; *Regola dei monaci* para reavivar a observância da autêntica disciplina monástica.

O DOUTOR DA FÉ

Isidoro não foi só um fiel transmissor da fé dos padres da Igreja, mas também um obstinado defensor de sua pureza. Na Espanha de seu tempo, o rei visigodo Leovigildo apoiava a heresia ariana, mais por interesse político que por motivos religiosos, colocando em perigo a autêntica fé em toda a península Ibérica.

Quando seu filho Hermenegildo se converteu à verdadeira fé foi um lampejo de esperança e Leandro, já bispo de Sevilha, foi enviado a Constantinopla para tratar com o imperador sobre essa questão. Lá teve a oportunidade de estreitar profunda amizade com o apócrifário, o representante oficial do

pontífice romano junto ao imperador, que se tornou depois o Papa Gregório Magno.

Infelizmente, nesse meio tempo, o partido contrário a Hermenegildo convenceu o rei a assassinar seu filho com intenção de obrigar o povo a aceitar a heresia, ao passo que Leandro era exilado.

Em seu leito de morte, o rei atormentado por remorsos pediu perdão pelo seu delito e suplicou ao seu sucessor, Recaredo, que reparasse o mal feito, levando o seu povo para a verdadeira Igreja, a de Leandro.

Isidoro, voltando para casa, não perdeu tempo e falou abertamente em defesa da verdadeira fé aos bispos e príncipes, propondo a celebração do terceiro concílio de Toledo para pacificar de novo toda a península.

O concílio, de fato, aconteceu no ano de 589 e foi presidido por Leandro. Naquela ocasião, Isidoro pronunciou um memorável discurso sobre a unidade da fé. Também os godos seguiram em massa o exemplo do novo rei e desapareceu o perigo ariano na Espanha.

OS ÚLTIMOS DIAS

São Bráulio descreve assim a morte de seu amado mestre: “Percebendo que se aproximava o fim, duplicou as esmolas com tal profusão que, durante os últimos seis meses de sua vida, de todas as partes se via chegar a sua casa uma multidão de pobres da manhã até a noite. Alguns dias antes da morte pediu aos bispos João e Epárquio que fossem ao seu encontro. Permaneceu com eles na Igreja, juntamente com uma numerosa parte do clero e do povo. Quando chegou ao meio do coro, um dos bispos colocou-lhe um cilício e outro, cinzas. Ele, então, levantando as mãos para o céu, orou e pediu em alta voz perdão de seus pecados.

Depois, recebeu das mãos dos bispos o corpo e o sangue de Cristo, pediu as orações dos presentes, perdoou os seus devedores e distribuiu aos pobres todo o dinheiro que lhe restava. Tendo voltado para casa, lá morreu em paz no dia 4 de abril de 636. Isidoro edificou a Igreja com o exemplo e a palavra, escrita e falada, sem confiar em si mesmo, mas agindo sob a ação do Espírito Santo, convencido de que “Se a doutrina não for sustentada pela graça, mesmo que entre pelos ouvidos, não consegue chegar até o coração. Faz barulho externo, mas não serve para nada. A Palavra de Deus só chega até aos ouvidos e ao fundo do coração quando há intervenção da graça, agindo intimamente e levando à conversão”.

Somente nesse caso a compreensão não pode ser separada da conversão, pois, “após ter conhecido, devemos sentir a necessidade de colocar em prática as coisas boas que aprendemos”.

No dia 25 de abril de 1722, Gregório XIII o proclamou doutor universal.●

DICA DE LIVRO

MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO,

de Enrico Pepe, publicado pela Editora Ave-Maria.





Imagem: Kquadro / Freepik

“O SENHOR É RICO EM MISERICÓRDIA E COMPAIXÃO”

(TG 5,11)

♦ Frei Augusto Luiz Gabriel, ofm* ♦

*“Onipotente, eterno, justo e misericordioso Deus.”
(São Francisco de Assis)*

A misericórdia é o coração pulsante do Evangelho. Em Jesus Cristo, Deus não se apresenta como alguém distante, indiferente ou inacessível, mas como aquele que se aproxima, acolhe, cura, perdoa e reconduz. O anúncio querigmático nasce exatamente daí: Deus ama primeiro, ama sem excluir e chama cada pessoa pelo nome para voltar ao seu coração, por isso, a palavra de Jesus continua atual e pessoal: “Volta!”. Não se trata apenas de um convite moral, mas de um chamado de amor, capaz de devolver sentido, esperança e vida.

No Evangelho, a misericórdia não é um adorno da fé nem uma atitude secundária. Ela é a expressão concreta do modo como Deus age diante da fragilidade humana. Como nos recorda a Escritura, Deus é “rico em misericórdia” (cf. Ef 2,4) e, em Cristo, tomou sobre si nossas dores e misérias (cf. Mt 8,17). Onde há sofrimento, queda, culpa, medo, vazio ou desorientação, ali se manifesta a compaixão divina. O ser humano, com suas limitações e feridas, não é descartado por Deus; ao contrário, é justamente aí que experimenta mais profundamente o seu cuidado. A misericórdia revela um Deus que não se cansa de recomeçar com o homem, mesmo quando o homem se afasta de seu caminho.

O Papa Francisco recorda que a misericórdia de Deus é o coração do Evangelho e deve alcançar os corações e



as mentes de todas as criaturas. Essa afirmação amplia nossa compreensão: a misericórdia não se limita ao espaço do templo, mas toca a vida real, concreta, ferida e complexa de cada dia. Ela alcança quem acorda cedo para trabalhar, quem sofre no trânsito, quem enfrenta o desemprego, quem carrega dívidas, dependências, inseguranças, solidão e dores escondidas. A misericórdia de Deus se faz presença no cotidiano, porque é ali que a vida acontece e onde tantos precisam recomeçar. Por esses motivos, não se pode falar de misericórdia sem falar de proximidade. Misericórdia é presença que consola, é cuidado que levanta, é ternura que não humilha. Não é uma bondade improvisada ou uma ação apenas emocional, é um modo de amar que se torna gesto, partilha e compromisso. Como nos ensina o próprio Senhor, “Tudo o que fizerdes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40). Dar de comer aos famintos, acolher peregrinos, cuidar dos enfermos, visitar os encarcerados, consolar os aflitos e vestir os nus são expressões desse amor em ação.



Na espiritualidade franciscana, essa verdade ganha força especial. São Francisco de Assis viveu a misericórdia como experiência concreta de encontro com Deus e com os irmãos



Ao aproximar-se dos leprosos, ele não apenas fez uma obra de caridade, ele entrou numa nova forma de ver o mundo, de ver o outro e de ver a si mesmo. Como recorda São Boaventura, Francisco era movido por uma “maravilhosa misericórdia e compaixão”, a ponto de considerar a dor do outro como sua própria dor. A misericórdia, para Francisco, não era teoria, mas conversão de vida, por isso ele ensinou que quem recebe autoridade deve agir com misericórdia, tratando o irmão como gostaria de ser tratado em situação semelhante. Em Francisco, a misericórdia se torna critério de fraternidade.

Também Santa Clara, na mesma inspiração, compreendeu que a misericórdia é parte essencial da vida fraterna. Não há verdadeira comunidade sem compaixão, sem cuidado mútuo, sem delicadeza no trato, sem atenção aos mais frágeis. A fraternidade franciscana não

nasce de afinidades superficiais, mas de uma mesma fonte: o amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Sendo assim, misericórdia e fraternidade caminham juntas. Onde há misericórdia, há lugar para o outro; onde falta misericórdia, a relação se endurece e a vida comunitária perde o seu sabor evangélico.

A misericórdia também tem uma dimensão social e histórica. Ela não pode ser reduzida a um sentimento privado, porque toca a realidade concreta das periferias existenciais e materiais. Há misericórdia quando se defende a dignidade humana, quando se promove justiça, saúde, educação, moradia, acolhida, paz e oportunidades reais de vida. Há misericórdia quando a Igreja sai de si e vai ao encontro das dores escondidas das pessoas. Não existe misericórdia autêntica quando a fé se fecha em si mesma, quando se torna discurso bonito sem compaixão concreta.

Nesse sentido, o Ano da Misericórdia recordou à Igreja que o tempo da graça é sempre tempo de retorno. Viver a misericórdia é ajudar a diminuir as lágrimas do mundo, é abrir caminhos de reconciliação, é reconstruir o que foi ferido. O Deus revelado em Jesus não se impõe pela dureza, mas atrai pela ternura. Seu poder se manifesta justamente no perdão, na paciência e na capacidade de reacender a esperança. Como lembra a tradição espiritual, um pouco de misericórdia já torna o mundo menos frio e mais justo.

Assim, podemos afirmar com convicção: a misericórdia de Deus não falha. Ela precede o pecado, acompanha o caminho e sustenta o retorno. Como diz o próprio Jesus, “Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). Ele continua a chamar, acolher e recomeçar com cada pessoa. O seu convite permanece aberto: volta para perto dele. Volta para a casa do Pai. Volta para a vida em comunhão. Volta para a esperança. Quem experimenta essa misericórdia é chamado também a torná-la visível no mundo com obras, palavras e gestos que anunciam, sem medo, o Evangelho do Amor. ●

***Frei Augusto Luiz Gabriel, ofm** é religioso franciscano da Ordem dos Frades Menores. Natural de Xaxim (SC), atualmente reside na Fraternidade São Pedro Apóstolo, em Pato Branco (PR). Presidente da Fundação Frei Rogério e vice-presidente da Rede Celinauta de Comunicação, atua na gestão de meios de rádio e televisão; além disso é guardião da fraternidade, animador das juventudes da Província da Imaculada Conceição do Brasil, responsável pelo Serviço de Animação Vocacional (SAV) local e vigário paroquial.



QUAL O SENTIDO DOS SANTOS DA IGREJA?

◆ Pe. Adelmo Sérgio Gomes* ◆

Imagem: Imagem gerada por IA / Gemini

IN CORDE MARIAE:

UM CAMINHO DE RETORNO AO CORAÇÃO DE MARIA

♦ Pe. José Heitor de Menezes, cmf* ♦

Há momentos na história em que Deus nos chama de volta ao coração. Este é um deles.

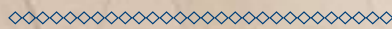
Neste ano, nós, missionários claretianos, vivemos o Ano Claretiano Cordimariano com o objetivo de retornar às nossas fontes, fazendo um verdadeiro caminho espiritual que nos conduz ao centro da nossa identidade: filhos do imaculado coração de Maria. Para nós, esse doce coração não é um símbolo distante, nem uma devoção paralela, mas é a casa que habitamos, a forja na qual somos formados. Ele é o ventre espiritual onde somos gerados discípulos e missionários de Jesus Cristo

Ao recordarmos os oitenta anos da consagração do Brasil ao imaculado coração, celebrada em 1946 e preparada pelos missionários claretianos da época, somos convidados a renovar nossa entrega à mãe de Deus, cujo coração permanece atual, materno e missionário. Ele é o lugar, a casa e o espaço onde a Palavra encontrou repouso e pôde se fazer carne. Essa disponibilidade mudou a história.

Claret compreendeu isso e por essa razão não quis formar apenas devotos, ele nos quis filhos do Imaculado Coração de Maria, que ama, aprende e deixa-se modelar na frágua ardente do divino amor, e que vivem o que anunciam. Isso nos faz compreender o lema que sustenta nosso escudo congregacional que ecoa como compromisso de vida: “Ergueram-se seus filhos e a proclamaram bem-aventurada” (Pr 31,28). Somos esses filhos quando nossa existência se torna louvor e a nossa missão se torna gratidão.



**Proclamamos Maria
quando escutamos
como ela escutou e
acreditamos como
ela acreditou**



Ao longo deste ano, mês a mês, esta revista acolherá reflexões escritas por diversos missionários claretianos. Vozes diferentes, uma mesma chama. Cada artigo será uma tentativa de tocar, com re-

verência e profundidade, a teologia, a espiritualidade e o carisma do coração de Maria. Não para multiplicar palavras, mas para reacender convicções.

O coração de Maria é refúgio do nosso povo. Em tempos de ruído, dispersão e medo, ele é silêncio fecundo, centralidade e coragem serena. Quem se aproxima desse coração aprende que missão não nasce da inquietude ruidosa, mas da intimidade com Deus.

Queremos caminhar com você nesse itinerário preparado com amor, a fim de que cada reflexão seja encontro e cada página lida se transforme em oração. Que cada mês nos encontre mais configurados àquele doce e imaculado coração que arde, mas não se consome.

Levantemo-nos todos e proclamemos Maria a mulher bem-aventurada, não apenas com palavras, mas com uma vida que abrasa por onde passa. ●

***Padre José Heitor de Menezes, cmf** é religioso da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (missionários claretianos), fundada por Santo Antônio Maria Claret (1849). Hoje é prefeito do apostolado.





A RELÍQUIA DO TÍTULO DA CRUZ

◆ Pe. Reinaldo Bento* ◆

A relíquia do título da cruz é um pedaço do título completo. As frases em grego e latim estão escritas da direita para esquerda no modo como os judeus leem. O *titulum* não foi escrito pelos soldados que em grande parte eram romanos ou de onde hoje é a Itália. Longino nasceu em Lanciano e o soldado que fez a primeira profissão pública, Abenadar, era romano, profetizando a fé da Igreja de Roma. O *titulum* foi escrito por ordem do próprio Pôncio Pilatos com ajuda de um escriba judeu, provavelmente, como testemunham as Escrituras, que compreendeu quem era Jesus.

Quando Jesus foi condenado, Pôncio Pilatos mandou escrever em hebraico, grego e latim a razão de sua pena: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”, o que em latim ficaria “*Iesu(a) Nazarenus Rex Iudaeorum*” e na pronúncia hebraica algo como “*Yeshua HaNatzrati vMelech Yehudim*”, o que aborreceu e muito os fariseus presentes,

que pediram encarecidamente que a placa fosse modificada, o que Pilatos se negou a fazer.

QUAL A CAUSA DE TAMANHO ABORRECIMENTO POR PARTE DOS JUDEUS?

A causa foi um acróstico que se formou quando ele escreveu a sentença. Um acróstico são formas textuais em que a primeira letra de cada frase ou verso forma uma palavra ou frase, é uma composição em verso na qual a primeira, e alguma vez, a última letra da linha é lida em ordem e forma um nome ou título. Por exemplo, INRI é um acróstico das palavras escritas em latim “*Iesu(a) Nazarenus Rex Iudaeorum*”. No hebraico temos “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus” como “*Yeshua HaNatzrati vMelech Yehudim*” (ישוע הנצרי מלך יהודה – no hebraico se lê da direita para a esquerda). As iniciais usadas eram exatamente as mesmas usadas para pronunciar o nome sagrado de Deus, יהוה (“YHWH”): “E Pilatos escreveu

também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito ‘Jesus Nazareno, Rei dos Judeus’” (Jo 19,19).

Muitos dos judeus leram esse título, porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade e estava escrito em hebraico, grego e latim. Diziam, pois, os principais sacerdotes dos judeus a Pilatos: “Não escrevas ‘O Rei dos Judeus’, mas que ele disse ‘Sou o Rei dos Judeus’”. Respondeu Pilatos: “O que escrevi, escrevi” (Jo 19,19-22).

ONDE A RELÍQUIA SE ENCONTRA?

Ela se encontra na Basílica de Santa Croce in Gerusalemme, uma das sete igrejas de Roma que fazem parte do tradicional roteiro de peregrinação consagrado por São Filipe Néri. Sua construção começou no século IV, perto do Palazzo del Sessorium, residência de Santa Helena, mãe do imperador Constantino, próxima ao Latrão. A basílica não foi erguida para

honrar a memória dos mártires, como era tradição, mas exclusivamente para preservar parte da cruz de Jesus, juntamente com outras relíquias da paixão que, segundo a tradição, Santa Helena teria trazido para Roma em seu retorno da viagem à Terra Santa em 325. Foi, portanto, concebida desde o início como um grande relicário destinado a preservar preciosos testemunhos da paixão de Jesus. A basílica é chamada “em Jerusalém” devido à presumida presença de terra consagrada do monte Calvário, que foi colocada na base dos alicerces, terra transportada em navios juntamente com as próprias relíquias da cruz. Por essa razão, a igreja foi chamada, desde a Idade Média, simplesmente de “Hierusalem” e para a devoção popular visitar essa basílica significava pôr os pés na própria cidade santa de Jerusalém. Tem a dignidade de uma basílica menor.

Em 1983, o então Cardeal Joseph Aloisius Ratzinger, futuro Papa Bento XVI, pregou os exercícios espirituais da Cúria Romana a

pedido do Papa São João Paulo II. As meditações que estão contidas hoje no livro *O caminho pascal* fazem uma analogia da cidade de Roma com a Terra Santa e justamente a Basílica de Santa Cruz em Jerusalém é vista como a Jerusalém mística da cidade de Roma.

CARACTERÍSTICAS DO TITULUM CRUCIS

A placa feita da árvore nogueira tem 25x14 centímetros, 2 centímetros de espessura e pesa 687 gramas. Está inscrita de um dos lados em três linhas, a primeira delas praticamente destruída. A segunda utiliza letras gregas e escrita reversa, e a terceira, em letras latinas, também com escrita reversa.

Em 1997, o autor e historiador alemão Michael Hesemann investigou a relíquia e apresentou-a a sete especialistas em paleografia hebraica, grega e latina. Segundo ele, nenhum dos especialistas encontrou qualquer indício de falsificação antiga ou medieval. Todos eles dataram o objeto entre

os séculos I e IV, com a maioria preferindo (e nenhum excluindo) o século I. Hesemann concluiu que é possível que o titulus crucis seja de fato uma relíquia autêntica.

Carsten Peter Thiede sugeriu que é provável que o titulus crucis é uma parte genuína da verdadeira cruz, escrito por um escriba judeu. Ele cita que a ordem das línguas na placa coincide com o que seria historicamente plausível e não com a ordem revelada nos relatos do Novo Testamento, o que certamente não aconteceria se o objeto fosse uma falsificação medieval.

O título da cruz testemunha uma profissão de fé na identidade de Jesus, Ele é o homem ao que título “Nazareno” faz referência, mas é alguém diferenciado, pois o termo “Rei” se refere à unção, pois reis eram ungidos. “Ungido” é o significado de “Cristo” em grego e “Messias” em hebraico. Por fim, o nome de IAWE revelam o verdadeiro Deus. ●

***Padre Reinaldo Bento** é sacerdote incardinado na Diocese de Osasco (SP).



"Eu sou..."
 - sete encontros para
 descobrir quem é Jesus.



Uma jornada infantil pelos sete
 "Eu sou" do Evangelho de João.

Disponível em:

avemaria.com.br



Erika Pelegrino
Viviane Varela

OVELHAS NEUROATÍPICAS

Catequese
para todos,
todos, todos!



AM
EDITORA
AVE-MARIA

OVELHAS NEUROATÍPICAS

CATEQUESE PARA TODOS, TODOS, TODOS!

◆ Da Redação ◆

A presença de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras condições neuroatípicas é uma realidade cada vez mais visível nas comunidades. Diante disso, cresce também o apelo para que a Igreja saiba acolher, compreender e evangelizar com o mesmo cuidado e ternura do Bom Pastor.

É nesse contexto que esta obra se apresenta: como um convite à conversão pastoral e à construção de uma catequese verdadeiramente inclusiva. Partindo de dados concretos e da experiência eclesial, o livro propõe um olhar atento às especificidades dessas crianças, ajudando a superar práticas genéricas e abrindo caminhos para uma evangelização que respeite ritmos, limites e potencialidades.

Mais do que uma reflexão teórica, o conteúdo oferece fundamentos sólidos aliados a orientações práticas. Pais, catequistas, clérigos e lideranças encontram aqui subsídios claros para atuar com segurança, responsabilidade e sensibilidade. A obra apresenta métodos, recursos pedagógicos e propostas concretas que favorecem a integração comunitária

e a vivência da fé no cotidiano, fortalecendo também o papel da família nesse processo.

Destina-se a todos os que desejam compreender melhor a catequese inclusiva e colaborar para que a Igreja seja, de facto, casa para todos.

Se deseja aprofundar este tema e contribuir para uma catequese mais acolhedora e consciente, adquira o livro no site da Editora Ave-Maria. ●

Sobre as Autoras:

Erika Pelegrino é psicóloga, mestra em Psicologia e doutoranda em Neurologia e Neurociências pela Universidade Federal Fluminense. Casada, é membro do movimento Regnum Christi e atua há mais de dez anos na formação de adolescentes, unindo conhecimento científico, experiência pastoral e compromisso com a evangelização.

Viviane Varela é formada em Comunicação e possui mais de vinte anos de experiência em catequese. Escritora, mãe de seis filhos e editora do site e das redes sociais O Catequista, dedica-se à formação catequética e à produção de conteúdos que auxiliam famílias e agentes pastorais na missão de evangelizar com fidelidade e sensibilidade às realidades atuais.

ENTRE A FÉ E A TRADIÇÃO: COSTUMES POPULARES REVELAM A RIQUEZA DA SEMANA SANTA NO BRASIL

MAIS DO QUE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, AS TRADIÇÕES DA SEMANA SANTA EXPRESSAM UMA ESPIRITUALIDADE PROFUNDA QUE UNE MEMÓRIA, DEVOÇÃO E IDENTIDADE RELIGIOSA

◆ Renata Moraes ◆

A Semana Santa ocupa um lugar central na vida dos cristãos e é considerada o ápice do calendário litúrgico católico. Nesse período são recordados os últimos momentos da vida de Jesus Cristo: sua entrada em Jerusalém, a paixão, a morte na cruz e, por fim, a ressurreição. Mais do que uma sequência de celebrações, trata-se de um tempo de profunda espiritualidade, marcado por símbolos, ritos e práticas construídos ao longo da história.

No Brasil, essas tradições ganharam características próprias. Herdadas da cultura europeia trazida pelos colonizadores, especialmente portugueses e espanhóis, foram ressignificadas ao entrar em contato com as culturas indígenas e africanas. Esse encontro deu origem a manifestações religiosas singulares, que combinam elementos da liturgia oficial da Igreja com expressões populares de fé.

Durante grande parte do século XX, a vivência da Semana Santa implicava mudanças concretas no cotidiano das famílias. O ambiente doméstico se transformava: evitavam-se músicas, festas e comportamentos considerados inadequados para um tempo de recolhimento. A Sexta-feira Santa, em especial, era marcada pelo silêncio, pela introspecção e por gestos de respeito.

Entre as práticas mais difundidas está a abstinência de carne, ainda recomendada pela Igreja. Mais do que uma escolha alimentar, trata-se de um gesto simbólico que remete ao sacrifício de Cristo e convida à penitência, à oração e à solidariedade com aqueles que sofrem.

Além disso, tradições como procissões, encenações da paixão de Cristo e ritos como o ofício das trevas permanecem vivas em diversas regiões do país. Em muitas cidades do interior, essas manifestações mobilizam comunidades inteiras, reforçando laços sociais e religiosos.

A reportagem ouviu o pesquisador Orlando Caldeira de Farias Junior, graduado em Geografia, mestre e doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), para compreender esse conjunto de práticas que revela a força do catolicismo popular no Brasil.

“Nos rincões do país, há certo distanciamento da estrutura institucional da Igreja, o que favorece o florescimento de formas próprias de vivência da fé. A Semana Santa se torna, nesses contextos, um

momento privilegiado de união comunitária e preservação de tradições ancestrais”, explica.

Segundo ele, esse fenômeno também está ligado à dinâmica das comunidades rurais, onde a transmissão de saberes ocorre de forma direta entre as gerações. “Essas práticas são mantidas não apenas por convicção religiosa, mas também por pertencimento cultural”, acrescenta.

ENTRE DOR, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: RAÍZES HISTÓRICAS DA DEVOÇÃO

Compreender as tradições da Semana Santa no Brasil exige um olhar atento à história social do país. As práticas religiosas não surgem isoladas, refletem experiências coletivas, conflitos e processos de transformação.

A pesquisadora Ellen Cristina dos Santos Oliveira, graduada em História, mestra e doutoranda em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, destaca que muitas dessas manifestações estão diretamente relacionadas ao período da escravização: “Durante esse tempo, o sofrimento de Cristo era frequentemente associado às dores vividas pela população negra. As celebrações da Semana Santa funcionavam como espaços de identificação e, em certa medida, de resistência simbólica”.

As procissões, por exemplo, não eram apenas atos de devoção, mas também momentos de encontro e



Imagem: Arquivo Pessoal

Ellen Cristina dos Santos Oliveira e Orlando Caldeira de Farias Junior.

expressão coletiva. “Esses rituais permitiam que as pessoas elaborassem suas experiências de dor e esperança dentro de uma linguagem religiosa”, explica Ellen.

Essa dimensão simbólica ajuda a entender por que determinadas práticas permanecem vivas até hoje: elas conectam passado e presente, fé e identidade.

O teólogo Fernando Altmeyer Junior, professor e assistente doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ressalta que a mistura entre fé e cultura é inerente à experiência religiosa: “A cultura popular acolhe elementos diversos e os ressignifica. As pessoas precisam de símbolos, ritos e gestos concretos para expressar sua espiritualidade. Isso faz parte da condição humana”.

Segundo Altmeyer é nesse contexto que surgem também as crenças populares, muitas vezes classificadas como superstições: “A vida humana é simbólica. As pessoas misturam religião, alimentação, festa e memória para dar sentido à existência. Isso não é um desvio, mas uma forma legítima de expressão cultural”.

Do ponto de vista acadêmico, essas manifestações são analisadas como fenômenos sociais complexos. Orlando explica que a Ciência da Religião não se propõe a julgar a veracidade das crenças, “O foco está em compreender como essas práticas impactam a sociedade. Se algo é vivido como real pelas pessoas, torna-se objeto legítimo de estudo”.

Ellen reforça essa perspectiva ao destacar que até mesmo as chamadas superstições têm valor interpretativo: “Elas revelam dimensões simbólicas importantes e ajudam a entender como a fé se manifesta no cotidiano. Ignorá-las seria ignorar parte significativa da experiência religiosa”.

TRADIÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO: A SEMANA SANTA NAS CIDADES

Se no interior as tradições da Semana Santa permanecem fortes, nos grandes centros urbanos elas enfrentam desafios significativos. A urbanização acelerada, a secularização e a diversidade religiosa contribuíram para mudanças na forma como esse período é vivido.

“A partir da década de 1970, o Brasil passou por um intenso processo de urbanização. O contato com os meios de comunicação e o crescimento de outras

expressões religiosas contribuíram para o enfraquecimento de práticas tradicionais”, explica Orlando. Nesse contexto, muitas tradições deixaram de fazer parte do cotidiano das famílias urbanas. Isso não significa, porém, o desaparecimento da religiosidade, mas sua transformação.

Iniciativas comunitárias têm buscado resgatar e reinventar essas práticas, adaptando-as à realidade das cidades. Um exemplo é a encenação da paixão de Cristo no distrito de Pirituba, na zona noroeste de São Paulo (SP).

De acordo com Fernando Baptista, um dos organizadores, o projeto teve início em 2001, a partir da mobilização de coletivos culturais locais. “Começamos de forma simples, em um estacionamento, mas com o passar dos anos a encenação cresceu e se consolidou. Hoje é um evento que atravessa gerações e toca pessoas de diferentes crenças”, relata.

Atualmente realizada no Cantareira Norte Shopping, a apresentação também cumpre um importante papel social. “A Sexta-feira Santa é um dia de reflexão e o local facilita o acesso de todos. Em uma região com poucas opções culturais, esse evento gratuito se torna uma oportunidade de contato com a arte e com a espiritualidade”, afirma Baptista.

Além de preservar a tradição, a encenação amplia o alcance da mensagem cristã. “A história de Jesus, com suas dores e sofrimentos, é universal. Ela toca



O teólogo Fernando Altmeyer Junior, professor e assistente Doutor da PUC.



Encenação da Paixão de Cristo 2024.

tanto os cristãos quanto aqueles que não seguem uma religião específica. É um momento de acolhimento e também de evangelização”, destaca ele.

Manter o espetáculo, no entanto, exige esforço contínuo. “Mobilizar elenco, equipe técnica e recursos financeiros não é simples. São muitos custos envolvidos, além da necessidade constante de inovação para manter o interesse do público”, explica Fernando.

O ESSENCIAL DA FÉ EM MEIO À DIVERSIDADE DE PRÁTICAS

Diante da diversidade de costumes e tradições, a Igreja Católica orienta os fiéis a manterem o foco no essencial: o mistério pascal de Cristo. As celebrações do Tríduo Pascal – Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Vigília Pascal – constituem o centro da vivência cristã.

Mais do que repetir práticas herdadas, a proposta é compreender o significado profundo desse tempo.

A Semana Santa é um convite à conversão, à oração e à renovação da esperança.

As tradições populares podem enriquecer essa experiência, desde que estejam alinhadas com o sentido central da fé. Quando bem compreendidas, ajudam a tornar visível aquilo que é invisível: o amor de Deus manifestado na entrega de Cristo.

Em um mundo marcado pela pressa, pelo excesso de informações e pela fragmentação das relações, a Semana Santa se apresenta como um tempo de pausa e reflexão, um convite a desacelerar, silenciar e reencontrar o essencial. Entre fé, cultura, memória e transformação, ela permanece como um dos momentos mais significativos da experiência cristã. Mais do que preservar costumes, trata-se de redescobrir seu sentido profundo e permitir que ele ilumine a vida cotidiana.

Assim, entre procissões, encenações, símbolos e histórias, permanece a mensagem central: a cruz não é o fim, mas o caminho que conduz à vida nova. ●

31

IDEIAS DE CONTEÚDO PARA VIVER BEM O MÊS MARIANO NAS REDES SOCIAIS

◆ Fabiano Fachini* ◆

Maio é tradicionalmente conhecido na Igreja como o Mês Mariano, um tempo especial de devoção à Virgem Maria, modelo perfeito de discípula e comunicadora da fé. Na mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2019), o Papa Francisco destacou: “A mãe de Jesus é modelo de escuta e de anúncio da Palavra de Deus”.

Nesse período somos convidados não apenas a intensificar nossas orações, mas também a testemunhar, inclusive nas redes sociais, o amor filial que temos por Nossa Senhora. Para a Pastoral da Comunicação (Pascom) e para todos os que evangelizam no ambiente digital, esse é um momento privilegiado para criar conteúdos que aproximam as pessoas de Deus por meio de Maria.

CONFIRA AS 31 IDEIAS DE POSTS PARA AS MÍDIAS DIGITAIS (AQUI EU SUGIRO FORMATOS, MAS VOCÊ PODE E DEVE ADAPTAR PARA SUA REALIDADE, INCLUSIVE PRIORIZANDO VÍDEOS):

1. Carrossel ensinando por que maio é o Mês Mariano;
2. Card com a oração Ave-Maria;
3. Carrossel explicando os títulos da Virgem Maria;
4. Reels sobre Maria, escolhida para ser a mãe de Jesus;
5. Carrossel: sete passos para ser mãe como Maria;
6. Reels: “Maria inspirou meu nome”;
7. Carrossel com ensinamentos de Santa Rosa Venerini;
8. Carrossel com sete versículos bíblicos sobre Maria;
9. Reels ou card ensinando o Magnificat;
10. Carrossel com músicas marianas;
11. Reels com mães falando sobre maternidade e Maria;
12. Card incentivando o Santo Rosário;
13. Carrossel sobre Nossa Senhora de Fátima;
14. Reels com entrega de presentes marianos (ação presencial);
15. Carrossel com mártires mulheres;
16. Carrossel sobre o modelo de fé de Maria;
17. Reels explicando a virgindade de Maria;
18. Carrossel com virtudes de Maria;
19. Reels sobre Maria em Pentecostes;
20. Card: Maria, mãe da Igreja;
21. Carrossel: o que Maria ensina para a paróquia;
22. Carrossel com testemunhos de Santa Rita de Cássia;
23. Reels sobre o silêncio na oração (exemplo de Maria);
24. Card com oração a Nossa Senhora Auxiliadora;
25. Reels com catequizandos rezando orações marianas;
26. Reels sobre Maria e a Santíssima Trindade;
27. Reels incentivando a intercessão de Maria;
28. Carrossel com livros sobre santas mulheres;
29. Card sobre adoração ao Santíssimo (Maria como sacrário vivo);
30. Reels: Maria, a primeira adoradora;
31. Carrossel sobre a visitação de Nossa Senhora.



Mais do que preencher um calendário, cada conteúdo é uma oportunidade de evangelizar e conduzir as pessoas a um encontro pessoal com Cristo, pela intercessão da Virgem Maria. Que neste Mês Mariano, nossas comunicações sejam verdadeiros instrumentos de fé, levando esperança ao coração das pessoas com todo o amor de mãe.●

***Fabiano Fachini** é formado em Comunicação Social-Jornalismo e possui MBA em *Marketing*. Realiza palestras e *workshops* pelo Brasil sobre comunicação e redes sociais na Igreja. Em seu *Instagram*, reúne comunicadores interessados em conteúdo e estratégia para a gestão de mídias digitais.

A SEXTA-FEIRA SANTA: MISTÉRIO DA NOSSA REDENÇÃO

♦ Dom João Santos Cardoso* ♦

Na Sexta-feira Santa, revivemos o mistério da paixão, crucificação e morte de Jesus. Esse é o único dia do ano em que a Igreja Católica não celebra a Eucaristia nem os demais sacramentos, com exceção da Penitência e da Unção dos Enfermos. O ato litúrgico mais significativo desse dia é a Celebração da Paixão do Senhor, às 15 horas, que se compõe de três partes: a liturgia da Palavra, a adoração da cruz e a Sagrada Comunhão. A espiritualidade cristã inclui também a celebração da Via-Sacra, a recitação do Ofício da Paixão, a procissão do Senhor morto e outras práticas de piedade ligadas às tradições locais. É muito importante também santificar esse dia com jejum e penitência e, no silêncio e na oração, contemplar o mistério da paixão do Senhor.

A Sexta-feira da Paixão direciona nosso olhar para a cruz do Senhor, expressão do amor de Deus por nós, marco de uma nova aliança entre Ele e a humanidade, selada pelo sacrifício redentor de seu Filho. A cruz não apenas

simboliza a humanidade de Deus, que assumiu as dores e tragédias humanas para nos salvar do pecado, mas também nos convoca à solidariedade e à transformação pessoal, unindo nossos sofrimentos aos de Cristo para alcançar a redenção.



A morte de Cristo na cruz nos faz lembrar dos sofrimentos e males que afligem o ser humano em todos os tempos: o peso esmagador da morte, o ódio e a violência e guerras que ainda hoje ensanguentam a Terra



Embora a Sexta-feira Santa seja um dia repleto de tristeza é também uma oportunidade propícia para despertar nossa fé, fortalecer nossa esperança e coragem a fim de carregar nossas cruces com humildade, confiando em Deus e em sua vitória.

A morte de Cristo nos interpela profundamente. Quando foi preso, Ele poderia ter resistido com uma legião de anjos, mas escolheu não reagir por meio da violência, recusando-se a usá-la como meio de defesa. Na noite após a celebração da última ceia, traído por Judas, o Senhor foi levado à prisão. Na mesma noite foi julgado pelo Sinédrio. Na manhã de sexta-feira, o Sinédrio o submeteu a um novo julgamento, acusando-o de blasfêmia. Por fim foi condenado à morte, pois o Senhor não pôde negar que realmente é o Filho de Deus.

Após ser condenado pelo Sinédrio, que não tinha autoridade para executar penas de morte, Jesus foi levado a Pôncio Pilatos pelos líderes judeus, os quais solicitaram sua execução. Pilatos, não encontrando culpa em Jesus, propôs torturá-lo e, em seguida, conceder-lhe o indulto de Páscoa e libertá-lo. No entanto, eles rejeitaram a proposta e influenciaram a multidão a pedir a liberdade para Barrabás e a pena de morte para Jesus. Pilatos, renunciando à sua responsabilidade, “lavou as mãos”

e cedeu à pressão popular, condenando Jesus à morte, apesar de sua inocência. Esse fato nos faz refletir sobre como a justiça pode ser distorcida pela pressão da opinião de uma massa manipulada e, movida pelo espetáculo, transformar-se em vingança, condenando alguém à morte sem dar-lhe a ampla possibilidade de defesa.

A morte de Cristo na cruz é um grande mistério, difícil de compreender. Jesus, embora sendo Deus, optou por não usar suas prerrogativas divinas e seu poder. Ao contrário, “despojou-se de si mesmo”, assumindo radicalmente, exceto o pecado, a frágil condição humana até o extremo da morte humilhante numa cruz (cf. Fl 2,6-11). Essa escolha não foi um acidente, mas uma decisão deliberada de seguir o plano salvífico de Deus Pai.

São Paulo interpreta esse acontecimento à luz da fé. À arrogância e desobediência de Adão, ele contrapõe a humildade e a obediência de Jesus. Embora sendo Deus e sem pecado, ao tornar-se homem assumiu nossas debilidades, fez penitência em nosso lugar, carregando sobre seus ombros nossos pecados. Submeteu-se a tudo por amor a nós, até a morte humilhante na cruz. Por amor, “despojou-se de si mesmo” e tornou-se nosso irmão, compartilhando nossa condição humana. Por sua obediência, Deus o exaltou à sua direita, para que, “Ao nome de Jesus, todo joelho se dobre no Céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua proclame: ‘Jesus Cristo é o Senhor’, para a glória de Deus Pai” (Fl 2,10-11).

Reviver o mistério da paixão de Cristo significa também buscar significado para os acontecimentos dolorosos de nossa história pessoal e coletiva, por isso, devemos ter em mente, no dia da paixão do Senhor, as situações dramáticas que afligem tantos irmãos nossos no Brasil e em todas as partes do mundo, mostrando solidariedade e empatia com os sofredores e vítimas da maldade humana, da injustiça e da violência. ●

***Dom João Santos Cardoso** é Arcebispo de Natal (RN).



Imagem: Freepik

Imagem: Imagem gerada por IA / Gemini

“ENTÃO OS DOIS CONTARAM
O QUE TINHA ACONTECIDO
NO CAMINHO E COMO
TINHAM RECONHECIDO
JESUS AO PARTIR O PÃO.”
(LC 24,35)

QUANDO O COTIDIANO SE TORNA LUGAR DE RESSURREIÇÃO

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

A Páscoa nasce de um sinal discreto, quase silencioso, mas profundamente eloquente. O túmulo não está simplesmente vazio, há ali um lençol ao chão. Um vestígio. Um rastro de presença. Um significante que diz, sem palavras, que Ele esteve ali, mas já não está mais. Não se trata de ausência, mas de uma presença que não pode mais ser contida nos limites da matéria, do tempo, do espaço. A ressurreição não deixa um vazio, deixa um traço, um recomeço.

Na liturgia da Sexta-feira Santa somos conduzidos por uma narrativa intensa, quase cinematográfica. A terra treme. O dia escurece. O véu do templo se rasga. A criação inteira parece reagir ao drama da cruz. Há quase que um excesso de sinais, uma densidade de acontecimentos que expressa a gravidade daquele momento. A morte de Jesus não passa despercebida. Ela sacode o mundo. Ela rompe estruturas. Ela desvela aquilo que estava oculto. É como se o cosmos inteiro participasse daquele

instante-limite em que o amor é levado até o extremo. Entretanto, quando chegamos à ressurreição, algo muda radicalmente.

Os relatos que seguem à ressurreição se tornam sóbrios, contidos. Não há terremotos. Não há céu escurecendo. Não há véus se rasgando. Há um jardim. Há uma manhã. Há passos lentos e desanimados que ganham pressa e vigor ao passar da dor ao medo e do medo à esperança. Há uma mulher que procura um corpo. Há discípulos que correm. Há um pão que é partido. Há encontros na praia, na Galileia. A ressurreição não se impõe com estrondo. Ela se oferece no cotidiano.

Talvez porque a vida nova não se reconheça no extraordinário, mas na transformação do ordinário. Talvez porque Deus, ao ressuscitar Jesus, não quis apenas vencer a morte, mas habitar de outro modo a existência humana. Não mais a partir de sinais que se impõem de fora, mas de uma presença que nasce desde dentro, que se deixa perceber na experiência, no encontro, na partilha.

É nesse horizonte que o caminho de Emaús se torna chave de leitura para a Páscoa. Dois discípulos caminham, carregando a dor e a frustração. O Ressuscitado se aproxima sem ser reconhecido. Caminha com eles. Escuta. Fala. Explica. Permanece. Não há nada de extraordinário naquele caminho

e é justamente ali que tudo acontece. O coração começa a arder. A esperança, quase apagada, reacende. No gesto simples de partir o pão, os olhos se abrem.

A ressurreição acontece, então, também como experiência daqueles que necessitavam ter a sua esperança devolvida e ressignificada pelo Mestre. Não como imposição de uma evidência externa, mas como transformação interior que reconfigura o modo de perceber a realidade. Os discípulos não voltam a ser os mesmos, não porque tenham visto um milagre espetacular, mas porque foram atravessados por uma presença que devolveu sentido à vida. O Ressuscitado não elimina a história deles, não apaga suas feridas, mas as habita com uma força nova.

O mesmo acontece com toda a comunidade dos seguidores de Jesus. Aquele que foi crucificado então se faz presente de outro modo. Não mais restrito a um corpo localizado, mas presente na Palavra que ilumina, no pão que se reparte, na comunidade que se reúne, na vida que insiste em florescer. A ressurreição não retira os discípulos do mundo, ela os devolve ao mundo com outro olhar.

Por conta de tudo isso, a Páscoa não é uma fuga da realidade. É um mergulho mais profundo nela. Um reconhecimento de que o cotidiano, tantas vezes marcado pela repetição e pelo cansaço, pode se tornar lugar de encontro com o Ressuscitado. O

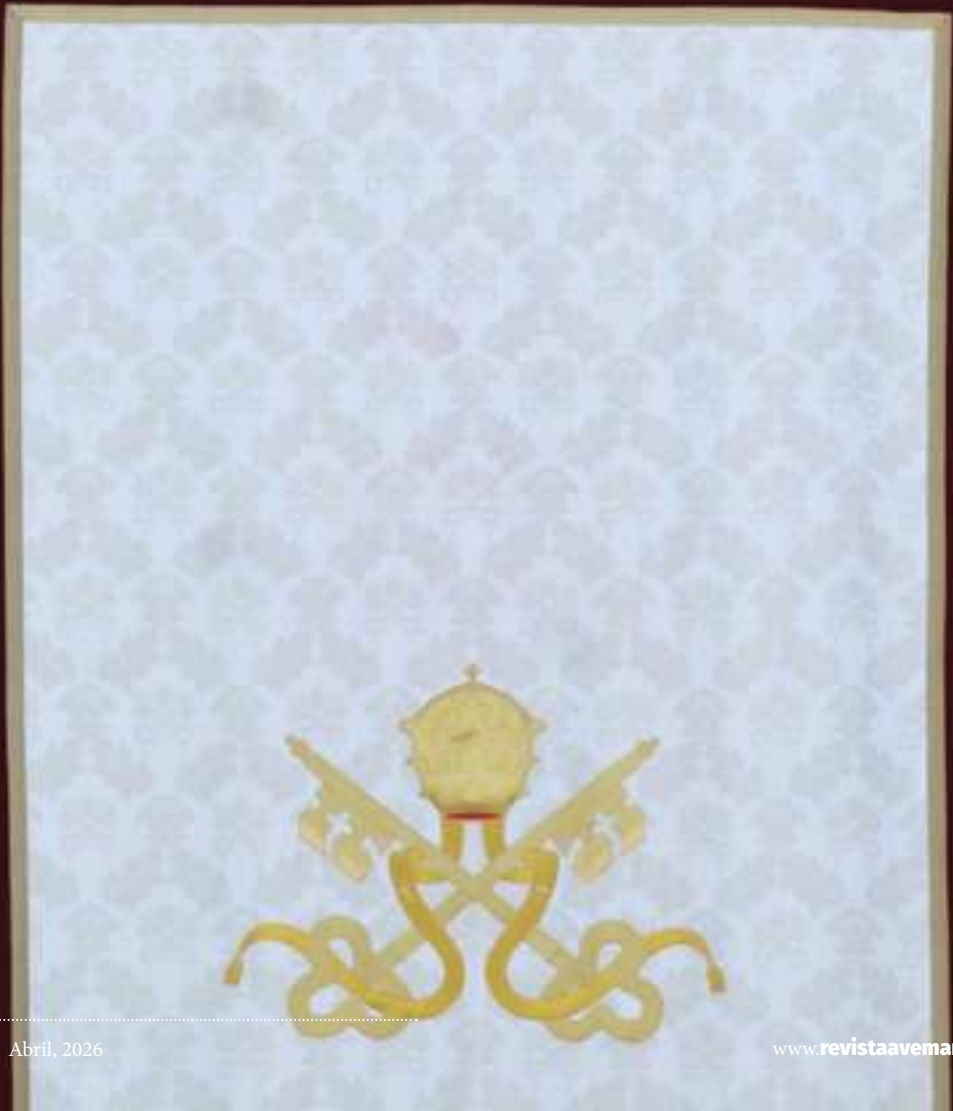
jardim, a estrada, a mesa, é nesses espaços simples que Deus escolhe se revelar.

O lençol ao chão permanece como sinal. Ele nos recorda que algo aconteceu, que a morte não teve a última palavra, mas também nos impede de reduzir a ressurreição a uma prova material. O Ressuscitado não está ali para ser retido, analisado, controlado; Ele está vivo de um modo novo, que só pode ser reconhecido por quem se deixa tocar, por quem caminha, por quem escuta, por quem partilha.

A Páscoa, então, revela-se como uma passagem contínua, uma passagem do olhar que busca sinais grandiosos para o olhar que aprende a reconhecer Deus no cotidiano, uma passagem do desejo de controlar o mistério para a disposição de habitá-lo, uma passagem da lógica da evidência para a lógica do encontro.

Talvez seja esse o maior anúncio pascal: o Ressuscitado continua a caminhar conosco. Não com estrondo, mas com presença; não com imposição, mas com proximidade. É no tecido simples da vida, nas estradas que percorremos, nas mesas que partilhamos, nos encontros que nos atravessam que Ele se deixa reconhecer.

O túmulo ficou para trás. O lençol permanece como memória, mas a vida segue, agora habitada por uma presença que transforma tudo, desde dentro. ●



B Ê N Ç Ã O

URBI ET ORBI:

a fé que atravessa distâncias e ajuda a viver plenamente a Páscoa

◆ Nayá Fernandes ◆

Na sala simples de sua casa em Campinas (SP), a aposentada Maria de Fátima Carvalho prepara, com um gesto silencioso e cheio de significado, um pequeno recipiente com água. Aos 74 anos, com dificuldades para caminhar devido a uma doença grave nas pernas, ela encontrou na transmissão ao vivo da Missa de Páscoa um caminho possível, e profundamente transformador, de viver a fé. Há cinco anos, sem falhar, acompanha a celebração presidida pelo Papa e recebe a bênção *Urbi et Orbi*, concedida da varanda central da Basílica de São Pedro.

Durante todos esses anos, Maria de Fátima acompanhou as celebrações presididas por Papa Francisco, cuja presença constante marcou sua experiência espiritual. “Depois que recebo a bênção, sinto que meu coração fica mais leve. É como se eu estivesse mais preparada para viver a Páscoa de verdade”, conta. A água que ela coloca diante da televisão torna-se, para ela, um sinal concreto dessa graça: “Eu ofereço às pessoas que me visitam. É uma forma de partilhar aquilo que recebo. Como não saio muito, sinto-me missionária cada vez que alguém vem me visitar e eu tenho essa água benta para oferecer”.

A história de Maria de Fátima revela um fenômeno cada vez mais comum: a vivência da espiritualidade mediada pela tecnologia, especialmente entre idosos ou pessoas com mobilidade reduzida. No entanto, longe de ser uma experiência superficial, ela se baseia em uma tradição teológica profunda da Igreja, uma tradição que encontra no *Catecismo da Igreja Católica* um de seus pilares mais sólidos.



Imagem: Wikipedia

O Papa João Paulo II na noite de 16 de outubro de 1978.

Segundo o Padre Antonio Aparecido Pereira, conhecido como Padre Cido, sacerdote da Arquidiocese de São Paulo (SP) e especialista em liturgia, a bênção *Urbi et Orbi* ocupa um lugar singular na vida da Igreja. Com décadas de atuação pastoral e reconhecido por sua presença em meios de comunicação católicos, ele explica: “A bênção papal que traz indulgência plenária é a bênção *Urbi et Orbi* (‘à cidade e ao mundo’). Ela é concedida pelo Papa em momentos solenes: Natal, Domingo de Páscoa e na primeira bênção após a eleição de um novo Pontífice. Em situações extraordinárias, como a de 27 de março de 2020, durante a pandemia, também pode ser concedida,” contou, em entrevista à reportagem.

Padre Cido ressalta que a participação pode ocorrer inclusive pelos meios de comunicação, como no caso de Maria de Fátima: “Quem acompanha a bênção ao vivo, estando em estado de graça, recebe a indulgência plenária, desde que cumpra condições como confissão, comunhão, oração nas intenções do Papa e o desapego de qualquer pecado”.

Essa compreensão está diretamente ligada à doutrina das indulgências, explicada pelo *Catecismo da Igreja Católica*. No número 1471, o texto afirma: “A indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal pelos pecados, já perdoados quanto à culpa”, ou seja, como reforça a tradição da Igreja, não se trata de “apagar” o pecado, algo que ocorre no Sacramento da Confissão, mas de purificar as consequências espirituais deixadas por ele.

É importante ressaltar, contudo, que a possibilidade da bênção não deve substituir toda a caminhada quaresmal, em que os fiéis têm um tempo para praticar a oração, a caridade e o jejum mais intensamente.

A JUSTIFICAÇÃO ACONTECE NA PÁSCOA

O teólogo, artista plástico e professor de Religião Sergio Ricciuto aprofunda essa refle-



Basílica de São Pedro durante a bênção da Páscoa de 1983.

xão ao comentar o mesmo trecho: “No número 1471, o *Catecismo da Igreja Católica* afirma que a indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal pelos pecados já perdoados quanto à culpa, ou seja, não se trata de apagar o pecado em si, mas das consequências espirituais dele”.

Ele, no entanto, propõe um olhar mais existencial: “Confesso que não sou muito ligado a essas ‘sutilezas penitenciais’. Prefiro mergulhar na lógica da parábola do fariseu e do publicano. A justiça mais alta é a de Deus, o perdão. A justificação acontece na Páscoa”.

Sergio já participou da Missa presencialmente, na Praça São Pedro, no Vaticano, e recebeu a bênção dos papas João Paulo II e Bento XVI. “Sem dúvida é uma experiência que marca a vida”, disse em entrevista à reportagem.

Além da explicação teológica, a própria história da bênção *Urbi et Orbi* revela sua im-

portância. A expressão latina, que significa “à cidade e ao mundo”, remonta aos primeiros séculos do cristianismo, quando os bispos de Roma começaram a conceder bênções solenes à cidade. Com o passar do tempo, especialmente a partir da Idade Média, essa prática se consolidou como um gesto universal do Papa, sucessor de São Pedro, dirigido não apenas a Roma, mas a todos os cristãos.

Foi sobretudo a partir do século XV que a bênção passou a ser associada às grandes solenidades litúrgicas e à concessão de indulgência plenária. Com o avanço dos meios de comunicação no século XX, rádio, televisão e, mais recentemente, internet, o alcance da *Urbi et Orbi* tornou-se verdadeiramente global, permitindo que fiéis como Maria de Fátima participem espiritualmente, mesmo a distância.

O próprio Papa Francisco destacou, em diversas ocasiões, a importância dessa bênção. Em uma mensagem pascal, afirmou que ela é um anúncio da vitória da vida sobre a morte e um convite para que todos acolham a misericórdia de Deus, ou seja, um chamado à renovação interior que está no coração da Páscoa.

Essa dimensão também se conecta com outro ponto do *Catecismo da Igreja Católica*, que recorda: “A reconciliação com Deus traz como consequência a remissão das penas eternas do pecado” (1472). A indulgência, portanto, insere-se nesse caminho de restauração espiritual, como um dom oferecido pela Igreja aos fiéis devidamente preparados.

Sergio Ricciuto amplia ainda mais essa perspectiva: “A graça de Deus e a comunhão dos santos estão além do espaço e do tempo, dos oceanos e dos séculos, dos satélites e das transmissões ao vivo”. Para ele, a experiência digital não diminui o alcance da fé; ao contrário, pode ampliá-la.

Padre Cido concorda, ainda que com um olhar pastoral: “A Igreja sempre buscou chegar até onde o fiel está. Se hoje isso acontece

também pela televisão e pela internet, é um sinal dos tempos”.

Na casa de Maria de Fátima, esse “sinal dos tempos” ganha forma concreta. Entre limitações físicas e recursos tecnológicos, ela constrói um espaço onde o sagrado se faz presente. A tela não substitui o altar, mas se torna uma ponte. A água abençoada, compartilhada com visitantes, transforma-se em símbolo de uma fé que não se isola. “Mesmo sem poder ir até a igreja, eu sinto que a igreja vem até mim”, diz ela.

Num mundo marcado por distâncias, físicas, emocionais e espirituais, histórias como a de Maria de Fátima revelam que a fé, quando vivida com autenticidade, encontra caminhos. Seja no silêncio de uma sala, diante de uma tela, ou no gesto simples de oferecer um copo de água, a Páscoa continua acontecendo: como passagem, como renovação, como encontro.

O PERDÃO DOS PECADOS E A SUPERAÇÃO DOS PRECONCEITOS

“Irmãos e irmãs, Jesus Cristo ressuscitou e somente Ele é capaz de remover as pedras que fecham o caminho para a vida. De fato, Ele mesmo, o Vivente, é o caminho: o caminho da vida, da paz, da reconciliação, da fraternidade. Ele nos abre a passagem, algo humanamente impossível, porque somente Ele tira o pecado do mundo e perdoa os nossos pecados. Sem o perdão de Deus, essa pedra não pode ser removida. Sem o perdão dos pecados, não se consegue sair dos fechamentos, dos preconceitos, das suspeitas mútuas e das presunções, que sempre levam a absolver a si mesmo e acusar os outros. Somente o Cristo ressuscitado, ao dar-nos o perdão dos pecados, abre o caminho para um mundo renovado.” (Discurso do Papa Francisco durante a celebração da Páscoa em 31 de março de 2024, disponível no site Vatican.va.)●



Imagem: Wikipedia

Bento XVI durante a bênção da Páscoa de 2011.

SUA FÉ NÃO PODE SER VIVIDA NO AUTOMÁTICO!



UM LIVRO PRA
QUEM QUER
ENTENDER A SANTA
MISSA



COMPRE O SEU PELO SITE
AVEMARIA.COM.BR



BASÍLICA SANTUÁRIO SENHOR BOM JESUS DO BONFIM

◆ Assessoria do Santuário ◆

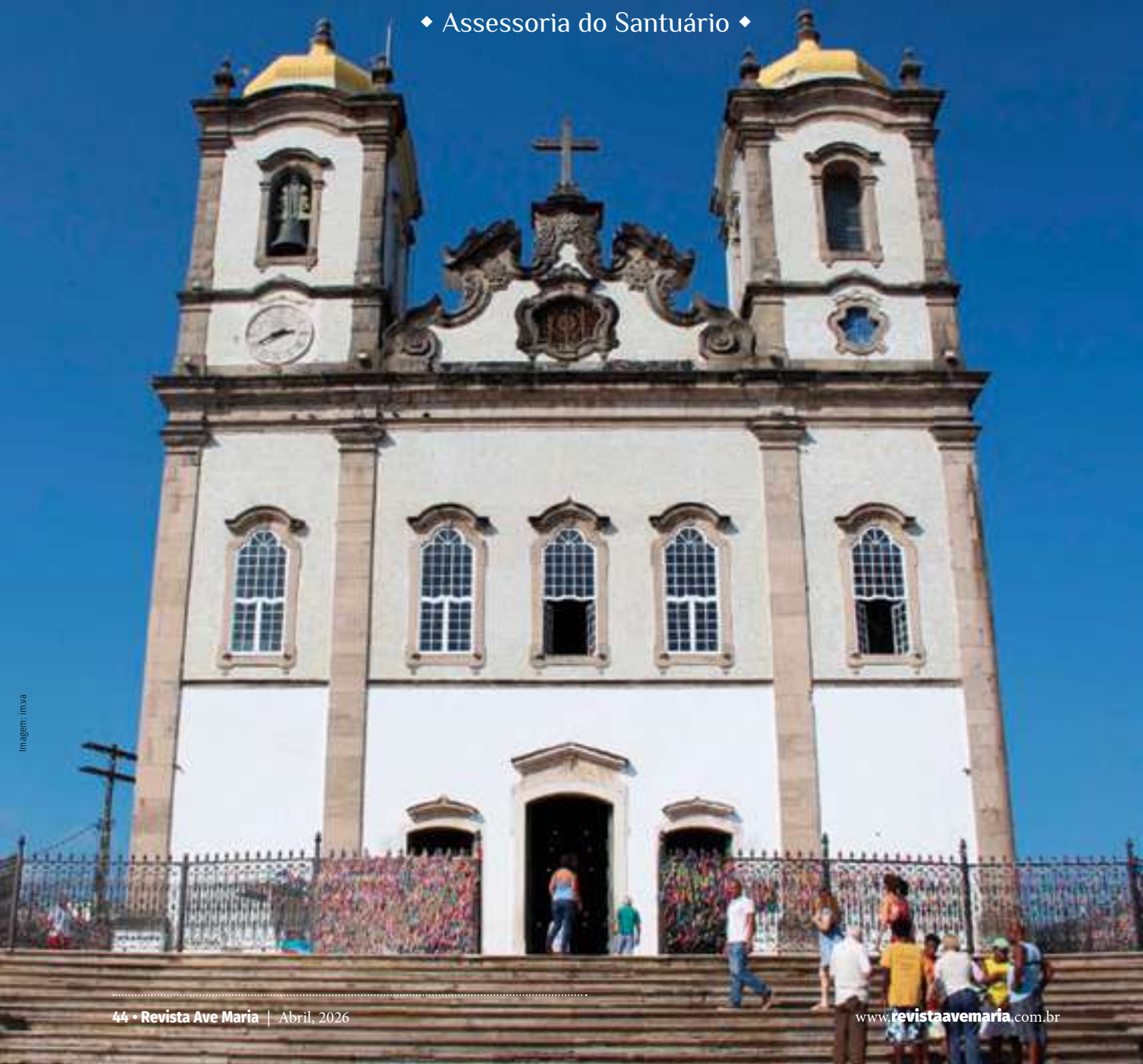


imagem: imya

Localizada no alto da colina Sagrada, na península de Itapagipe, em Salvador (BA), a Basílica Santuário Senhor Bom Jesus do Bonfim é um importante lugar de peregrinação. Ao longo de todo o ano, milhares de fiéis passam pelo santuário para apresentar pedidos e agradecer graças recebidas.



A devoção ao Senhor do Bonfim teve início em 1740, com a chegada da primeira imagem trazida de Portugal pelo capitão de mar e guerra Theodózio Rodrigues de Faria. Naquele período, a Igreja era conduzida pelo Papa Bento XIV, Portugal estava sob o reinado de Dom João V e a Bahia era governada pelo vice-rei André Melo e Castro, conde dos Galveias



As obras do templo começaram em 1746, seguindo o estilo das igrejas portuguesas dos séculos XVIII e XIX. Em 24 de junho de 1754, com a conclusão das obras internas, a imagem do Senhor do Bonfim foi transferida da Capela da Penha para a colina. Após a celebração festiva foi colocada em destaque no altar, junto à imagem de Nossa Senhora da Guia, também trazida de Portugal pelo mesmo devoto. ●

Rogai por nós:

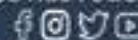
*Santa Mãe
de Deus!*



Este livro traz uma coleção de salmos escritos especialmente em louvor à Santíssima Virgem Mãe de Jesus e nossa. Através das palavras de São Boaventura, teólogo e Doutor da Igreja, cada um dos 150 salmos dessa obra, levam o leitor a ter um profundo amor e confiança em Nossa Senhora, e com ela, caminhar ao encontro com o Senhor.

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Siga-nos nas redes sociais:



Na livraria católica mais próxima
de você
ou em: www.avemaria.com.br



PALAVRA DO PAPA

Caminhar com as famílias e ajudá-las a encontrar a fé

◆ Da Redação ◆

O Papa Leão XIV enviou uma mensagem ao seminário “Evangelizar com as famílias de hoje e de amanhã: desafios eclesiológicos e pastorais”, promovido pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, em Roma. O encontro refletiu sobre a missão da Igreja diante das famílias, núcleo fundamental da vida cristã.

A FAMÍLIA COMO NÚCLEO DA FÉ

O Papa destacou que as famílias são o primeiro espaço de transmissão da fé: “A profunda questão do infinito, inscrita no coração de cada homem, confere aos pais e mães de família a tarefa de conscientizar seus filhos sobre a paternidade de Deus”.

BUSCA ESPIRITUAL NO MUNDO ATUAL

Vivemos um tempo de crescente sede de espiritualidade, especialmente entre os jovens, que procuram relações autênticas e mestres de vida, por isso, segundo o Papa, é necessário que a Igreja saiba reconhecer e acompanhar esse desejo.

ATENÇÃO ÀS FAMÍLIAS DISTANTES

Leão XIV pede que a Igreja se volte também às famílias que se sentem afastadas ou excluídas, mas que ainda desejam fazer parte de uma comu-

nidade: “É particularmente urgente, neste esforço, dedicar especial atenção às famílias que, por vários motivos, estão espiritualmente mais distantes. Quantas pessoas, hoje, ignoram o convite para encontrar Deus”.

RISCOS DOS MODELOS ILUSÓRIOS


O Papa alertou contra a privatização da fé e os falsos apoios mundanos. Chamou atenção para o uso distorcido das redes sociais que, em vez de unir, espalham mensagens enganosas: “Entre eles, encontram-se pais e mães, crianças, jovens e adolescentes, por vezes alienados por modelos ilusórios de vida, em que não há espaço para a fé”.

MATRIMÔNIO E VOCAÇÃO AO AMOR

Sobre os jovens que escolhem a convivência sem Matrimônio, o Papa pede testemunhos concretos da graça sacramental: “Talvez precisem de alguém que lhes mostre de maneira concreta e compreensível o que é o dom da graça sacramental e qual a força que dela provém”.

O APOIO DAS COMUNIDADES

Para a educação cristã dos filhos, as famílias precisam do suporte de comunidades vivas de fé:

A photograph of Pope Francis seated on a throne, wearing white vestments, reading a document. To his left, another man in dark vestments sits on a lower throne. The background features ornate architectural details, including a star emblem on a wall. The foreground shows the blurred backs of several people in an audience.

“A fé é, primeiramente, uma resposta a um olhar de amor, e o maior erro que podemos cometer como cristãos é pretender que a graça de Cristo consista no seu exemplo e não no dom da sua pessoa”.

SER PESCADORES DE FAMÍLIAS

O Papa recorda que tanto bispos quanto leigos são chamados a lançar as redes: “Cabe antes de tudo aos bispos lançar a rede ao mar, tornando-se ‘pescadores de famílias’. Os leigos são chamados a se comprometerem nessa missão” ●

INTENÇÕES DE ORAÇÃO DO SANTO PADRE CONFIADAS À SUA REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO

Pelos sacerdotes em crise

Rezemos pelos sacerdotes que atravessam momentos de crise na sua vocação, para que encontrem o acompanhamento necessário e para que as comunidades os apoiem com compreensão e oração.

PREPARE-SE PARA BEM VIVER O TRÍDUO PASCAL

◆ Mons. Rivelino Nogueira* ◆

O Tríduo Pascal (em latim *Triduum Paschale*) é um período sagrado para os católicos, que marca os últimos dias de Jesus Cristo na Terra e a sua ressurreição. É um momento de reflexão, oração e preparação para a maior celebração da fé católica, a Páscoa.

O Tríduo Pascal é um período de três dias que começa na Quinta-feira Santa e termina no Domingo de Páscoa.

- **Quinta-feira Santa:** a última ceia e a instituição da Eucaristia.
- **Sexta-feira Santa:** a paixão e a morte de Jesus.
- **Sábado Santo:** a vigília da ressurreição.
- **Domingo de Páscoa:** a ressurreição de Jesus.

COMO SE PREPARAR?

- **Oração:** reserve um tempo para orar e refletir sobre a Paixão de Cristo. Leia a Bíblia e medite sobre os textos sagrados.
- **Confissão:** confesse os seus pecados e prepare-se para receber a Eucaristia.

- **Participação nas celebrações:** participe das celebrações do Tríduo Pascal na sua paróquia.

- **Jejuar e abster-se:** jejue e abstenha-se de alimentos e bebidas como forma de sacrifício e união com Jesus.

- **Ajudar os outros:** faça algo para ajudar os outros, como visitar um doente ou doar para uma causa social.

DICAS PARA UMA EXPERIÊNCIA MAIS PROFUNDA

- Crie um altar em casa com velas, flores e imagens de Jesus.

- Leia livros ou reflexões sobre a paixão de Cristo.

- Participe de retiros ou encontros de oração.

- Faça um retiro espiritual para se desconectar do mundo e se conectar com Deus.

Nesse sentido, desejo que todos nós vivamos o Tríduo Pascal com fé, amor e devoção e a experiência da ressurreição de Jesus nos corações! ●

***Monsenhor Rivelino Nogueira** é padre diocesano incardinado na Diocese de Lorena (SP). Hoje é reitor da Basílica Imaculada Conceição de Cruzeiro (SP).



Imagem: Freepik



Imagem: Freepik

“Bendito o que vem em nome do Senhor”

(MT 21,9)

◆ Matheus Pinheiro* ◆

A semana Santa não é só uma sequência de celebrações, mas um caminho que nos convida a viver de forma mais profunda tudo aquilo que Jesus Cristo fez por nós. É uma oportunidade concreta de trazer para o dia a dia o mistério da sua paixão, morte e ressurreição.

Tudo começa no Domingo de Ramos, quando acolhemos Jesus. Mais do que um gesto externo é um convite a abrir o coração e decidir caminhar com Ele ao longo da semana. Aos poucos, os dias vão nos conduzindo para dentro desse mistério. Na segunda e terça-feira, ao olhar para as dores e rejeições que Jesus enfrentou, somos chamados a rever nossas atitudes, diminuir as reclamações e fazer um exame sincero da própria vida. A quarta-feira nos lembra da traição e isso nos provoca a pensar nas pequenas infidelidades do nosso cotidiano. É um bom momento para renunciar a algo concreto, como um gesto de amor e fidelidade a Deus. Já na quinta-feira somos colocados diante da Eucaristia, um dos maiores presentes que recebemos. É dia de se aproximar mais, participar da Missa com atenção e, se possível, dedicar um tempo de adoração. Na

sexta-feira, tudo nos leva ao silêncio da cruz. É um dia mais recolhido, marcado pelo jejum, pela oração e por uma pausa no ritmo acelerado da rotina. Um momento para contemplar o amor que se entrega por inteiro. O sábado continua nesse clima de silêncio, mas então com um sentido de espera. É como preparar o coração, com calma, para algo muito maior.

Então chega a Páscoa: a alegria da ressurreição, a certeza de que a vida venceu. É tempo de renovar a fé, participar da Missa com alegria e lembrar que a esperança sempre tem a última palavra.

Viver bem a Semana Santa não é sobre fazer muitas coisas, mas sobre viver cada dia com sentido e verdade.

Dica prática: escolha viver cada dia com mais atenção e presença. Pequenas atitudes, quando feitas com amor, têm o poder de transformar tudo. ●

***Matheus Pinheiro**, mais conhecido na *internet* como Math ou Cristocêntrico, começou sua jornada nas redes sociais em 2012, com um canal no *YouTube*. Há 12 anos, ele embarcou na aventura de evangelizar online e descobriu que milhões de jovens católicos se identificavam com o seu jeito de falar e com a maneira como vive a sua fé e religião.

Vamos falar sobre o

FUTURO

Imagem: Polonio Videla / Adobe Stock

“ANTES DE SE COLOCAR EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA, AME-A.” (DOSTOIÉVSKI)

◆ Pe. José Alem, cmf ◆

Há coisas na vida que exigem constante reflexão e discernimento. Uma delas é seu aspecto religioso. A sede de Deus, a busca do transcendente e do sentido da vida tornam-se cada vez mais significativas diante do vazio que caracteriza o ambiente consumista e de frustração de quem busca na acumulação de bens, do prazer e na ânsia de poder a expectativa de uma vida feliz.

A decepção é maior diante das injustiças sociais, dos antagonismos exacerbados, dos conflitos armados e da insegurança diante dos atos terroristas. É, sem dúvida, para muitos um momento de descobrir os valores que justificam a existência digna e o fundamento de toda a verdade e bem no encontro pessoal com Deus, no mais profundo do seu ser.

Torna-se mais forte a expectativa, por parte da Igreja e da humanidade, de receber de seus membros o testemunho de fé viva e prática de oração. É igualmente indispensável o diálogo inter-religioso, que permite manifestar as próprias convicções, a estima recíproca e a convivência no pluralismo que antecede a descoberta da verdade.

A situação de pobreza extrema e desigualdade social, na

maior parte das nações, exige uma tomada de consciência da inadequação da atual ordem socioeconômica e requer um esforço conjunto para discernir novos caminhos que respeitem e promovam a dignidade do ser humano. É nesse contexto que podemos perceber melhor as raízes das atuais injustiças que afligem grupos de migrantes, refugiados, vítimas de guerras e nações inteiras marcadas pela fome, endemias, tensões e, infelizmente, pela demonstração de ódio e de revanchismo.

Há urgência de buscar soluções para enfrentar esses desafios. É urgente a necessidade de repudiar todo ato de violência e afastar definitivamente o recurso a ela sob qualquer pretexto. É preciso fortalecer a mediação de organismos internacionais que garantem a autodeterminação e as condições de desenvolvimento, a liberdade religiosa para todos os grupos, um sistema econômico que respeita e busca acima de tudo o bem da pessoa humana e inclui a responsabilidade de promover o bem comum, a revisão drástica do comércio de armas e a garantia generosa de ajudas humanitárias para debelar a fome, a falta de água, as

enfermidades crônicas e o flagelo da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), com especial atenção a vários países empobrecidos, entre os quais o nosso.

A solução, no entanto, é mais profunda. Exige conversão interior. O grande desafio de nosso tempo, complexo e assustador, exige abertura ao ensinamento de Jesus, esperança do mundo. As palavras do Evangelho iluminam as trevas da discriminação, da violência e do desespero. Enquanto permanecer resquício de ódio, rancor e vingança, continuarão as dominações e os conflitos.



Não basta a justiça se não houver perdão. Só o amor constrói a paz



A grande mensagem da Igreja é Jesus Cristo. É Ele quem nos ensina, hoje e sempre, a confiança na misericórdia divina, o mandamento da fraternidade universal, a predileção pelos pobres, aflitos e excluídos, a reconciliação e a concórdia entre os povos. Olhando para o futuro, não podemos perder a esperança, pois Ele está no meio de nós.●

APRENDA A FAZER JEJUM

◆ Rosa Maria Dilelli Crivinel* ◆

No meio católico é comum, especialmente no tempo quaresmal, ouvirmos sobre o jejum e as diversas formas de praticá-lo. Vejamos o que é o jejum segundo a Igreja Católica, como deve ser realizado, sua importância e como os fiéis podem vivenciar essa experiência espiritual com autenticidade e reverência.

Antes do jejum propriamente dito, recomenda-se fazer uma reflexão sobre o verda-



deiro sentido dessa penitência; saber o porquê e para que se jejua é essencial para não cairmos no farisaísmo do cumprimento de preceitos por obrigação, pois o motivo de fazer o jejum está intimamente ligado ao modo como jejuamos.

É importante, portanto, compreender o propósito de fazer os jejuns para colher os seus frutos. São Tomás de Aquino, na *Suma teológica*, expõe as principais finalidades da prática de jejum: “Primeiro, para conter as concupiscências da carne. Por isso, São Jerônimo diz que ‘Sem Ceres e Baco, Vênus esfria’, isto é, na abstinência de comida e bebida, a luxúria arrefece. Em segundo lugar, jejua-se para elevar mais livremente a alma à contemplação de realidades sublimes. Por isso, está no Livro de Daniel que ele, após o jejum de três semanas, recebeu revelação de Deus. Enfim, para satisfazer pelos nossos pecados.” (II-II, 147, 1).

A meta é jejuar como Ester que, motivada pela caridade para com seu povo, preparou-se para se encontrar com o rei, vivendo o jejum na oração, com profundo temor a Deus e humildade (cf. Est 4,16).

O que ensina a Santa Igreja Católica sobre essa penitência? O jejum é uma prática ascética que consiste na privação total ou parcial de alimentos e, em alguns casos, de outras necessidades corporais. Na tradição católica, o jejum está intrinsecamente ligado à penitência e à busca da conversão de vida, ao fortalecimento da alma para resistir às tentações e à cooperação

no processo da santificação pessoal. Ele difere da abstinência, que é a privação de alimentos, principalmente da carne, por um tempo determinado.

O fundamento dessa prática nos foi apresentado pelo Papa Bento XVI, em 2009, ao comparar o jejum com o mandato de Deus no Livro de Gênesis: “Podes comer o fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore da ciência do bem e do mal” (2,16-17). Nesse sentido, afirmou que o jejum ajuda a evitar o pecado. São Basílio também ensina que o “não comas” é a base do jejum e da abstinência. O próprio Cristo jejuou quarenta dias e quarenta noites (cf. Mt 4,2).

O centro do jejum católico não é a simples privação, mas um ato de amor e oferta a Deus. Quando unido ao sofrimento de Cristo, tem sentido salvífico: configura o coração ao de Jesus e une as pequenas cruces do dia a dia ao seu sacrifício. Assim, vive-se o que São Paulo afirmou: “Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo” (Col 1,24).

O jejum, presente no Antigo Testamento e na vida de Cristo, fundamenta o quarto mandamento da Igreja: jejuar e abster-se de carne conforme orienta a Igreja. O *Código de Direito Canônico* (cf. 1249-1253) determina os dias penitenciais e convida os fiéis à oração, caridade e renúncia.

As sextas-feiras do ano e o Tempo da Quaresma são dias penitenciais. A abstinência de carne deve ser observada, exceto em solenidades, e o jejum é prescrito

na Quarta-feira de Cinzas e na Sexta-feira Santa.

No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) permite substituir a abstinência por obras de caridade ou outros gestos de penitência. Sobre a idade, a abstinência é obrigatória a partir dos 14 anos e o jejum, dos 18 aos 60 anos.

Algumas formas práticas de jejum:

- Deve-se respeitar a idade e a saúde de cada pessoa;
- Uma refeição completa ao dia, com outras duas leves;
- Jejum total por período determinado;
- Jejum a pão e água;
- Jejum apenas com líquidos ou caldos.

Pilares do jejum:

- União entre oração e caridade;
- Disciplina e domínio de si;
- Reparação e conversão;
- Vivência quaresmal;
- Evitar distrações e excessos.

A prática do jejum, vivida conforme ensina a Igreja, gera frutos na vida pessoal e abre o coração à ação do Espírito Santo, especialmente no cuidado com os mais necessitados.

Santo jejum! ●

***Rosa Maria Dilelli Crivinel** é formada em Física pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG), em Teologia pela Faculdade Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), e leiga consagrada na Comunidade Canção Nova.



APOSTAS E JOGOS DE SORTE

SÃO PECADO?

◆ Pe. Luiz Antônio de Araújo Guimarães* ◆

Não roubar está alinhado à ideia da justiça, ou seja, caminhar com aquilo que é justo e que não trará dano algum, quer à própria pessoa, quer ao outro. Dentro dessa perspectiva, será que as apostas e os jogos de sorte são pecado?

De início, convém olhar para o *Catecismo da Igreja Católica*, no número 2413, que diz: “Os jogos de azar (jogo de cartas, etc.) e as apostas não são, em si mesmos, contrários à justiça. Mas tornam-se moralmente inaceitáveis quando privam a pessoa do que lhe é necessário para as suas necessidades e as de outrem. A paixão do jogo pode tornar-se uma grave servidão. Apostar injustamente ou fazer batota nos jogos constitui matéria grave, a menos que o prejuízo causado seja tão leve que quem o sofre não possa razoavelmente considerá-lo significativo”. Conforme essa ideia da Igreja, os jogos e as apostas não são, a princípio, contrários à justiça, ou seja, não são pecaminosos, desde que não se desviem de suas finalidades, sendo apostas ou jogos justos, com o máximo de lisura, e que aqueles que deles participam não se deixem escravizar pelos mesmos.

Acontece que, desde muito tempo, a sociedade tem inúmeras formas de apostas ou jogos. A grande maioria delas, sem dúvida, visa ao lucro, porém, se estiverem em conformidade com a lei e não ferirem a moral cristã, não há problema em participar delas. No entanto, o pecado aparece quando a pessoa entra nessas formas de entretenimento de forma desones-

ta, como mentindo ou roubando para ter o dinheiro a fim de poder jogar. Há casos de jovens que pegaram dinheiro escondido dos pais para fazer apostas. Veja: começa errado para se aventurar em um jogo, algo cuja probabilidade de ganhar é estatisticamente muito pequena.

Casos preocupantes têm acontecido com as bets — plataformas digitais de apostas online, em que a pessoa pode jogar com cota fixa, permitindo apostar em dinheiro real em eventos esportivos e jogos de cassino. Tais apostas, segundo os especialistas no assunto, são regulamentadas por lei, porém correm um certo risco de viciar a pessoa, de modo especial os jovens, fazendo com que estes joguem compulsivamente, o que pode ocasionar um colapso financeiro para eles. Imagine que o jovem, em sua grande maioria, já não dispõe de tanto dinheiro e acaba se envolvendo nesses tipos de apostas. Se isso se torna um vício, já era! Enquanto ele estiver ganhando na aposta, tudo bem. E quando não? Olha, as consequências são muito sérias.

A Igreja, como uma mãe, orienta sempre seus filhos, porque sabe que todo excesso implica grandes faltas. O problema não é o jogo em si, mas o vício que este pode causar. Há relatos de padres que atenderam jovens em depressão porque venderam tudo o que possuíam para se aventurar em apostas; outros que contraíram dívidas exorbitantes e os pais, para proteger a vida do filho, tiveram que arcar com o pagamento; ou-

tros com transtornos compulsivos por jogos, necessitando de um tratamento para superar o vício; enfim, realidades cruentas que podem levar os jovens ao caos na vida pessoal, familiar, afetiva e social.

O número 434 do *Catecismo Jovem da Igreja Católica* alerta: “Em termos morais, é altamente problemático arriscar grandes somas de dinheiro em jogos de sorte, quando a outros falta o mais básico para viver. As apostas e os jogos de sorte podem, além disso, criar vício e escravizar o ser humano”.



Daí ser tão importante o jovem ter um pouco de bom senso e se perguntar: vale a pena arriscar o pouco de que disponho para colocar em risco a mim e os meus familiares?



Aventurar-se em algo que pode ser viciante e não ter o retorno que se espera. Vale a pena? É sabido que não!

Portanto, jovem, o pecado está nos meios e nas consequências que os jogos podem trazer, resultando em caminhos, muitas vezes, sem volta, como o desequilíbrio financeiro. Pare, pense e examine bem antes de se aventurar, porque as consequências podem ser drásticas. Antes de se apaixonar por um determinado jogo, é melhor, mais sábio e inteligente apaixonar-se pela própria vida, porque jogo é jogo: ora se ganha, ora se perde! ●

VOCÊ VIVE OU APENAS SE EXPÕE?

OS MALEFÍCIOS DA SUPEREXPOSIÇÃO DA VIDA NAS MÍDIAS

♦ Francisco Medeiros Andrade* ♦

Ter uma rede social e postar fotos já virou algo extremamente comum nos dias de hoje, tanto é que alguém que não tem um perfil nessas plataformas mais famosas é visto como alguém estranho, alheio ao mundo. Precisamos primeiro entender que a realidade à qual pertencemos foi construída, o que é comum hoje seria altamente estranho se voltássemos algumas décadas atrás, por isso, podemos nos perguntar se essa realidade atual nos faz bem ou não ou qual a medida saudável da exposição nas redes.

Para refletir sobre o assunto eu deixo outra pergunta: quando uma experiência se torna válida para você? O interessante sobre analisar isso é que para a imensa maioria seria impensável visitar um local turístico e não postar que ao menos esteve por lá. Fica uma sensação estranha de que para concretizar essa vivência é preciso colocar nas redes sociais, afinal, ficará só para mim o que eu vivi?

O filósofo francês Guy Debord explora de maneira quase premonitória, ainda nos 1960, que viveríamos o que ele chama de “sociedade do espetáculo”. Deixamos de ser para ter e agora deixamos de ter para apenas parecer. A vida torna-se um produto de consumo visual, ou seja, em vez de você simplesmente curtir um pôr do sol, você o reproduz em suas redes, abrindo o espetáculo aos outros. Qual o problema disso? A necessidade de expor, na maioria dos casos, rouba a presença.

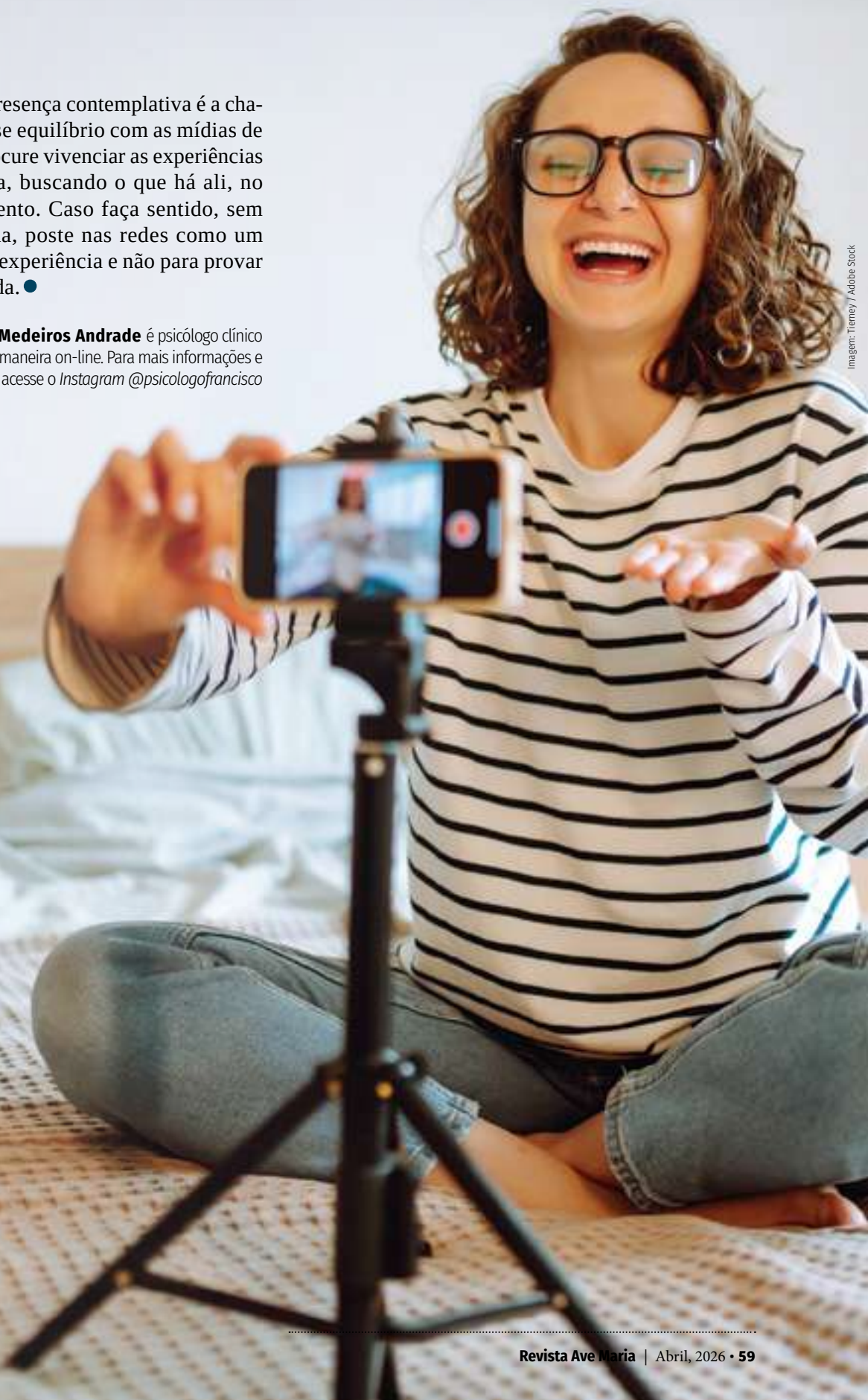
A presença, por mais simples que for seu conceito, é a grande parcela que nos faz seres humanos, no entanto, a superexposição nas mídias, o consumo desenfreado de conteúdo curto ao longo do dia, a necessidade de manter o perfil atualizado, responder a comentários e projetar sucesso nos hiperestimula. Isso gera um esgotamento psíquico, pois a vida privada (o “interior”) perde seu espaço de refúgio e torna-se vitrine.

A superexposição é uma forma de trabalho voluntário, como menciona Byung-Chul Han, não havendo, assim, espaço para o descanso

Estamos submersos em tantas tarefas diárias, necessidades vãs de postar ou consumir conteúdos que vamos nos assemelhando aos animais ou, como diria Han, “*animal laborans*”, mencionado em *Sociedade do cansaço* (2017). O animal na selva precisa comer, vigiar a prole e cuidar dos predadores simultaneamente, ele nunca pode mergulhar na contemplação. Para contemplar é preciso de presença, verdadeira e devota no agora, sem validação, performance ou lucro, somente a experiência pela experiência.

Praticar essa presença contemplativa é a chave para atingir esse equilíbrio com as mídias de maneira geral. Procure vivenciar as experiências de forma ingênua, buscando o que há ali, no coração do momento. Caso faça sentido, sem perturbar sua vida, poste nas redes como um acréscimo da sua experiência e não para provar ou validar sua vida. ●

***Francisco Medeiros Andrade** é psicólogo clínico e atende de maneira on-line. Para mais informações e conteúdo, acesse o *Instagram* @psicologofrancisco



A RESSURREIÇÃO COMO SINAL DE ESPERANÇA PARA AS FAMÍLIAS

◆ Pe. Rodolfo Faria ◆

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, o mês de abril é anunciado como tempo de ressurreição, isto é, sinal de esperança nos corações de muitas pessoas, sobretudo nas famílias.

O anúncio da ressurreição de Jesus Cristo tem que ser sinal de esperança. A esperança cristã se fundamenta na memória de Cristo. A ressurreição de Cristo nos diz que Ele não se encontra mais entre os mortos e que, portanto, a ordem deste mundo mortal foi rompida. Aqueles que esperavam que Ele libertaria Israel do domínio

romano, que restauraria a realeza, pareciam ver seus ideais terminados com aquela morte que, segundo a teologia reinante (cf. Dt 21,22-23), era morte de maldição. Os discípulos de Emaús confessam: “Nós esperávamos que fosse Ele quem iria redimir Israel” (Lc 24,21).

É a partir da ressurreição de Cristo que o anúncio Cristão se tornou *kerygma* de ressurreição e de vida. Os Atos dos Apóstolos dirão que em seu nome era pregada a remissão dos pecados. Paulo desenvolve o discurso sobre a ressurreição dos mortos a partir da ressurreição

de Cristo (cf. 1Cor 15). No Cristo ressuscitado o *eschaton* é já presente em toda a sua ação de nova qualidade de vida divina. A ressurreição marca o início da recriação definitiva operada por Deus, que ainda uma vez se define como o Deus que dá a vida. Com a ressurreição tiveram início os eventos salvíficos últimos e definitivos.

A ressurreição, enfim, é uma realidade e não uma utopia ou discurso científico e ideológico. Ela constitui o início e a antecipação da geral ressurreição dos justos. Jesus é o primeiro ressuscitado, inaugura um mundo novo e um novo gênero humano, que historicamente se visibiliza na Igreja, sacramento da sua presença salvífica. A ressurreição de Jesus não só representa todas as outras ressurreições, mas as precede e as torna possíveis. Abre o futuro como futuro de vida e não só como simples tempo a vir.



O Cristo ressuscitado é assim a semente da “nova humanidade”, que imersa na velha humanidade a liberta da escravidão do pecado, da lei e da morte



Jesus ressuscitado é o homem novo e abre para a humanidade um futuro de novidade absoluta. A realidade dessa plenitude e novidade já irrompeu na nossa história, polarizando a marcha para o “estado do ser humano perfeito”, segundo Jesus Cristo.

Jesus, durante toda a sua vida, por meio da sua pregação, chamamento dos doze, ensinamento da oração aos apóstolos, instituição da Eucaristia, morte e ressurreição e efusão do Espírito Santo, funda a sua comunidade escatológica, a Igreja. Esse novo povo de Deus, a Igreja, é sacramento de salvação. Jesus, pelos seus sinais e gestos messiânicos como ações miraculosas de curas, atos de reconciliação, perdão dos pecados, manifestou a salvação escatológica. A Igreja é o sinal na história da presença de Jesus Cristo. Ela é a comunidade que tem a missão de proclamar a salvação de Deus para este mundo hodierno. Nessa sua missão como membro de uma família, a Igreja necessita estar atenta à realidade histórica, cultural e social. Não podemos mais permanecer como pescadores de peixes quando testemunhamos a ressurreição de Jesus, sendo assim, é importante viver a ressurreição dentro de sua casa com os seus familiares. Ela é tempo de esperança dos corações restaurados. ●



Imagem: AungMyo / Adobe Stock



PRESSÃO SOB CONTROLE: PEQUENAS ESCOLHAS, GRANDES RESULTADOS

◆ Dr. Caio Bruno Andrade Nascimento* ◆

A hipertensão arterial sistêmica (HAS), também chamada popularmente de “pressão alta”, é uma condição comum e muitas vezes silenciosa. Na maioria dos casos, não apresenta sintomas, mas pode causar complicações graves ao longo do tempo, como o infarto agudo do miocárdio, o acidente vascular encefálico e insuficiência renal, por isso, a prevenção é fundamental e deve fazer parte da rotina.

Um dos principais pilares da prevenção é manter uma alimentação equilibrada

Também é importante evitar alimentos ultraprocessados, como embutidos, salgadinhos e refeições prontas, dando preferência a alimentos naturais, como frutas, verduras, legumes, grãos integrais e proteínas magras.

A prática regular de atividades físicas também tem papel importante. Exercícios como caminhada, corrida leve, ciclismo ou natação ajudam a melhorar a circulação sanguínea e contribuem para o controle da pressão. O ideal é manter uma rotina ativa, com pelo menos 150 minutos de atividade moderada por semana.

Manter um peso adequado é outro fator relevante. O excesso de peso sobrecarrega o sistema cardio-

vascular e pode aumentar o risco de hipertensão. Pequenas mudanças de hábito, feitas de forma consistente, já podem trazer benefícios significativos.

É importante também controlar o estresse, que pode influenciar diretamente a pressão arterial. Técnicas de relaxamento, boa qualidade de sono e momentos de lazer ajudam a manter o equilíbrio físico e mental.

Evitar o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e não fumar são medidas essenciais para a saúde cardiovascular. O tabagismo, em especial, danifica os vasos sanguíneos e contribui para o desenvolvimento de diversas doenças.

Por fim, medir a pressão periodicamente permite identificar alterações precocemente e iniciar o tratamento quando necessário.

A prevenção da hipertensão está diretamente ligada a um estilo de vida saudável. Com atitudes simples e consistentes é possível reduzir significativamente os riscos e promover mais qualidade de vida ao longo dos anos. ●

***Dr. Caio Bruno Andrade Nascimento** é natural de Conselheiro Lafaiete (MG), católico e médico formado pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Trabalhou como médico de equipe de saúde da família (ESF) no interior do Estado de São Paulo e, atualmente, é residente em Psiquiatria pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Imagem: Gomez / Adobe Stock



Imagem: Reprodução/WEB

FRALDINHA DE PANELA

INGREDIENTES

- 1 peça de fraldinha ou picanha
- 3 cebolas grandes em rodelas
- 1 colher (sobremesa) de sal fino
- Pimenta-do-reino a gosto
- Pimenta calabresa a gosto
- 3 colheres (sopa) de azeite
- 3 dentes de alho amassados

MODO DE PREPARO

Compre uma peça de fraldinha de aproximadamente 1,3 kg e limpe muito bem. Tempere com sal fino e reserve. Em uma panela de pressão, coloque um fio de azeite, a peça de fraldinha com a gordura virada para baixo e cubra a carne com as rodelas de cebola. Salpique pimenta calabresa, pimenta-do-reino moída na hora, alho espremido, sal fino e regue com o azeite restante. Não coloque nada de água. Depois é só tampar a panela e levar ao fogo alto e contar 35 minutos após a panela pegar pressão. Espere a pressão sair completamente, retire as rodelas de cebola, com cuidado, fatie a carne e coloque em uma travessa. Cubra a carne com as rodelas de cebola cozidas e com o caldo que sobrou na panela e sirva com arroz branco e uma bela salada de folhas.

OVO DE PÁSCOA PROTEICO DE PRESTÍGIO

INGREDIENTES

- 1 xícara (chá) de leite
- 5 colheres (sopa) de leite em pó
- 5 colheres (sopa) de coco ralado
- Adoçante a gosto (opcional)
- Coco ralado a gosto para decorar (opcional)

MODO DE PREPARO

Casca do ovo de Páscoa

Derreta bem o chocolate amargo em banho-maria. Para garantir que vai ficar com a casca brilhante sem derreter, use o processo de temperagem do chocolate para ovo de Páscoa derretendo 2/3 do chocolate primeiro e depois misturando o restante para derreter apenas no calor do chocolate e assim abaixar a temperatura dele. Despeje o chocolate na forma, garantindo que está bem espalhado por todo o molde do ovo, e então vire de cabeça para baixo. Leve à geladeira para firmar enquanto prepara os recheios.

Coloque o leite, o leite em pó e o coco ralado em uma panela, misture um pouco para começar a dissolver e leve ao fogo. Se quiser, pode colocar adoçante também. Deixe cozinhar, sempre mexendo, até engrossar e ficar com consistência de brigadeiro de colher. Ele não fica totalmente uniforme por causa do coco ralado que não se dissolve totalmente. Dica: se quiser deixar mais proteico, pode adicionar whey protein; nesse caso, coloque apenas quando o brigadeiro estiver frio para não desandar. Leve o brigadeiro coberto com plástico filme para a geladeira por 1 hora na geladeira.

Montagem

Pegue a casca de ovo de Páscoa e coloque o recheio escolhido. Para fazer um ovo de Páscoa proteico menos calórico, a sugestão é colocar uma camada do recheio mais fina com uma colher e fechar com mais chocolate derretido, mas você também pode fazer um ovo de colher completo bem recheado. Caso queira fechar os ovos, derreta o chocolate novamente e cubra o recheio todo. Finalize com os ingredientes que desejar para decorar. Leve à geladeira até o chocolate firmar e estará pronto para comer ou embalar.



JUNTO COM MARIA, PREPARA-SE PARA PENTECOSTES!

Conheça a obra que promete enriquecer sua fé e aproximar você do sagrado. Este livro oferece um caminho para um encontro mais íntimo e profundo com o Espírito Santo.



"50 Dias no Cenáculo com Maria" é um convite para vivenciar a fé de maneira renovada e profunda.

Adquira seu exemplar em avemaria.com.br

Acompanhe-nos



AM
EDITORA
AVE-MARIA

Bíblia

Capa Símbolos



A Presença de
Deus viva no
meio de nós.

Contemple com a nova Bíblia Capa Símbolos a simbologia cristã que revela a presença amorosa de Deus no ordinário da nossa vida.

Acesse avemaria.com.br,
conheça em detalhes e
adquira a sua!

AM
EDITORA
AVE-MARIA